37

ENSAIO

Flávio Canto

O MEDALHISTA DE BRONZE EM ATENAS BAIXA A GUARDA E TIRA O QUIMONO

VERMELHAS

Marieta Severo

FINALMENTE FALA: **FAMÍLIA**, DESBUNDE E ... CHICO!

Ioga

COMO VOCÊ NUNCA LEU ANTES

CLUBE DAS MENINAS

PINHEIROS, PAINEIRAS, ESPERIA: QUAL É O SEU?

E MAIS: MENINO MALUQUINHO AOS 37, CRIANÇAS METROS SEXUAIS E CAFONICES À MODA DA CASA

R$ 8,50

Outubro 2004 Ano 03, Nº 37

ISSN 1519-4035

BEST DRIVE
Agende o seu
Best Drive Volkswagen pelo
www.vw.com.br/bestdrive
ou 0800 703-3773
Garantia
3
anos
Volkswagen
Venha conhecer
a Linha Volkswagen
2005, agora com
Garantia de 3 anos
para câmbio e motor.*
*Garantia de fábrica de 3 anos, somente válida para Linha Volkswagen 2005, sem limite de quilometragem para defeitos de fabricação e montagem em componentes internos de motor e transmissão. É necessário, para sua utilização, o cumprimento do plano de manutenção.
IBAMA
PROCONVE
HOMOLOGADO

Fox

Você só vai ser espremida dentro do carro se quiser.

Sistema ARS de ajuste de distância do banco traseiro

O único 1.0 bicombustível

vivo

Você é uma pessoa simpática? Comunicativa? Vive fazendo amigos?

Agora se vira para escolher 5 amigos.

Consulte o regulamento.

Vivo Boa Hora não disponível no RS. Consulte os planos participantes.

Para cadastrar seus 5 amigos no Vivo

O cliente pode cadastrar até 5 celulares Vivo no Vivo Favoritos, desde que todos estejam ativados na mesma área de registro (DDD) de sua linha. O desconto de 50% é válido apenas para do cliente. O bônus de R$ 300,00 será concedido mediante compra de novo aparelho CDMA habilitado em Plano Vivo Pós ou Vivo Pré participante, de 27/9/2004 a 7/11/2004. O bônus será parcela estará condicionada à adimplência (Vivo Pós) ou à recarga mínima mensal (Vivo Pré). A não realização de recarga mensal por mais 60 dias implica na perda dos bônus nos meses

Material chroniony prawem autorskim

Compre um
Vivo Pré e fale com
5 Amigos
Vivo com **50%** de
desconto no Vivo
Boa Hora.

E ainda ganhe:
R$ 300,00
parcelados em 12 vezes
em ligações locais de
Vivo para Vivo.

Favoritos, ligue do seu celular *8486.

vivo é você em primeiro lugar.

as ligações locais iniciadas e finalizadas dentro da área de registro do cliente e é aplicado sobre o preço vigente da ligação local de Vivo para Vivo, conforme Plano de Serviço Vivo Boa Hora dividido em doze parcelas mensais não cumulativas de R$ 25,00 e é válido para ligações locais de Vivo para Vivo, iniciadas e finalizadas na área de registro do Vivo participante. Cada seguintes. Os bônus serão concedidos em até 48 horas a partir da ativação. As ofertas possuem restrições. Consulte o Regulamento e condições no site www.vivo.com.br, nas lojas e revendedores Vivo.

Material chroniony prawem autorskim

Índice

14 PÁGINAS VERMELHAS **MARIETA SEVERO** Ela não gosta de dar entrevistas, mas desta vez relaxou e abriu o jogo: adolescência, casamento, maternidade, Chico, culpas, Carlinhos Brown e netos

36 ENSAIO **FLÁVIO CANTO** Medalhista de bronze em Atenas, o judoca é o autêntico bom rapaz: há quatro anos dedica seu tempo a ensinar judô aos menos privilegiados, é filho exemplar e namorado idem. Precisava ter esse corpão?

44 AVENTURA **UMA MULHER NAS ALTURAS** A paulista Ana Elisa Boscarioli é mãe, mulher, cirurgiã plástica e uma de nossas mais arrojadas alpinistas. E, assim como o meu e o seu, o dia dela tem apenas 24 horas

50 COMPORTAMENTO Se você pensa que sabia tudo sobre ioga, espere até conhecer a história e as opiniões de **CRISTÓVÃO DE OLIVEIRA**, o cara que cuida de Fernanda Lima, Pedro Paulo Diniz, Mario Sergio Cortella e do nosso repórter experimental Arthur Veríssimo

60 MODA **CLUBES SÃO PAULO** Seis paulistanas foram clicadas nos clubes que freqüentam vestindo as roupas que gostaríamos de comprar neste verão

sempre na Tpm **24** EDITORAS CONVIDADAS **67** BADULAQUE **78** SACOLÃO

colunas

88 PENETRA **JOÃO PAULO CUENCA** faz uma prece para não ficar de saco cheio da vida

89 COLUNA DO MEIO O dia em que **MILLY LACOMBE** conheceu a intolerância

94 UM PENSAMENTO **MARA GABRILLI** vai à rua em busca de votos e descobre coisa melhor

Expediente

Editor Paulo Lima cartas@revistatpm.com.br
Diretor Superintendente Carlos Sarli sarli@trip.com.br
Diretor Conselheiro Marcos de Moraes mmoraes@trip.com.br
Diretores de Planejamento e Gestão Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona
Diretor Editorial Fernando Luna fluna@trip.com.br
Diretor Financeiro Fabio Suda suda@trip.com.br

REDAÇÃO
Diretora de Redação Daniela Falcão dfalcao@trip.com.br
Editora Executiva Milly Lacombe milly@trip.com.br
Repórter Especial Nina Lemos nina@trip.com.br
Reportagem Renata Leão Bavaresco renataleao@trip.com.br e Ana Maria Peres anamaria@trip.com.br
Estagiárias Ariane Abdallah ariane@trip.com.br e Thatiana Mendes thati@trip.com.br
Colunistas João Paulo Cuenca e Mara Gabrilli
Revisão Daniela Lima e Fabiana Biscaro

ARTE
Diretora de Arte Paola Giavina-Bianchi paola@trip.com.br
Chefe de Arte Sérgio Brandão Cury sergio@trip.com.br
Estagiário Rodrigo Villas Boas rodrigovillas@trip.com.br
Projeto Gráfico Paola Giavina-Bianchi, Renata Zincone e Sérgio Brandão Cury

PRODUÇÃO
Coordenação Anita Castanheira anita@trip.com.br
Produção Regina Trama regina@trip.com.br
Estagiárias Marina Ragusa e Thais Rabay (revista e site)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Walmir S. Graciano walmir@trip.com.br
Monica Yamamoto monica@trip.com.br
Letícia Ueoka leticia@trip.com.br

INTERNET web@trip.com.br
Editora de Mídias Eletrônicas Claudia Lima clo@trip.com.br
Diretora de Arte Eva Uviedo eva@trip.com.br
Chefe de Arte Ivan Obara ivanobara@trip.com.br
Assistente de Arte Fábio Módena fabiomodena@trip.com.br
Produção Juliana Hirschmann julianah@trip.com.br
Reportagem Bruna Bittencourt bruna@trip.com.br

DEPARTAMENTO DE MARKETING / PUBLICIDADE
Gerente Daniela Basile danielab@trip.com.br
Assistentes Caroline Miki caroline@trip.com.br e Márcia Chaves marcia@trip.com.br
Estagiária Gabriela Bauab gab@trip.com.br

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Adriana Falcão, Arthur Veríssimo, Barbara Axt, Bel Coelho, Claudio Lessa, Daniela Blanche, Duche Lopes, Jessica De Silva, Juliana Caldeveri, Juliana Linhares, Juliana Pinheiro Melo, Juliana Sampaio, Laura Guimarães e Serena Calejon **Foto** André Brandão, Bob Wolfenson, Christian Gaul, Deco Cury, Gero Sasse, Rafael Quintino e Tuca Reinés **Ilustração** Rocinha Pedrosa e Zed

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Diretor Cris Moreira crismoreira@trip.com.br
Gerente de clientes diretos Antonio Bonfá Junior (11) 3898 8235 toto@trip.com.br
Executivos de Contas Ana Paula de Camargo acamargo@trip.com.br (11) 3898 8258, Mauricio Silveira mauricio@trip.com.br e Solange Custódio solange@trip.com.br (11) 3898 8210
Executivo de Contas on-line e *TRIP* FM Marcelo Rocha marcelorocha@trip.com.br (11) 3898 8203
Assistente Comercial Carol Serra carolserra@trip.com.br (11) 3898 8241
Representante Rio de Janeiro Sandra Cortez sandra_cortez@ig.com.br (21) 9122 8294, Sólida Conceitual (Márcia Alvaredo) (21) 34911350
Representante Sul Ado Henrichs ado@trip.com.br (51) 3325 0328 / (51) 9191 8744
Representante Minas Gerais Gustavo Ziller contatomg@trip.com.br (31) 3421 1454
Representante Brasília Alaor Machado alaormachado@uol.com.br (61) 223 7005
Representante Paraná Luiz Cezar Pimentel bestseller@uol.com.br (43) 9996 6507

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO / FINANCEIRO
Coordenação Rodrigo Lutfi rodrigo@trip.com.br
Analista Financeiro Juliana von Krüger Toledo juliana@trip.com.br
Recursos Humanos Bettina Ranoya bettina@trip.com.br
Estagiária Juliana Albuquerque Gross jugross@trip.com.br
Representante Jurídica Claudine Koide claudine@trip.com.br
Analista de Circulação Carla Arakaki carla@trip.com.br
Assistente Administrativo Vanessa Marçal vanessa@trip.com.br
Estagiária Samira Bissiguini samira@trip.com.br
Assistente Financeiro Ricardo Braga braga@trip.com.br
Manutenção e Expedição Nivaldo Ferreira Alves
Recepção Maria Fernanda Medeiros e Sarah Maia
Serviços Externos Osvaldo de Oliveira Braga Junior

ASSINATURAS
Supervisor de Assinaturas Jessica De Silva jessicanet@trip.com.br
Bancas Carla Arakaki carla@trip.com.br
Assinaturas e Atendimento ao leitor Jéssica Panazzolo jessica@trip.com.br
Atendimento Trip Editora: (11) 3038 1480 – 2ª a 6ª, das 9h às 20h – trip@teletarget.com.br

PROJETOS ESPECIAIS E EVENTOS
Diretora Ana Paula Wehba anapaulaw@trip.com.br
Arte Ricardo M. Quero Luque queroluque@trip.com.br

PESQUISA DE IMAGENS
Coordenador Alain Ferraz imagem@trip.com.br (11) 3898 8267
Assistente Telma Rodrigues telma@trip.com.br (11) 3898 8247

ENDEREÇO
Rua Lisboa, 78, Jardim Paulista, São Paulo, SP, 05413-000 – PABX (11) 3898 8200

NÚMEROS ATRASADOS
Peça ao seu jornaleiro ou ligue para (11) 3081 4511

IMPRESSÃO Oceano
A Trip é impressa em couché Image Art, da Rigesa.
A TRIP Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista.
TRIP Para Mulher, uma publicação mensal da Trip Editora e Propaganda S/A (ISSN 1414-350X)
NÓS VENDEMOS ESPAÇO, MAS NÃO VENDEMOS OPINIÕES
FILIADO AO IVC

DISTRIBUIÇÃO
Em todo território nacional e em Portugal - Fernando Chinaglia S/A
R. Teodoro Silva, 907, Rio de Janeiro, RJ

FALE COM A GENTE
E-mail: cartas@revistatpm.com.br

VISITE NOSSA COZINHA TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br

EDITORIAL

JOVEM?

Há um erro que se repete muito quando explicamos a tese da ***Tpm***.

Que é uma atitude mais leve diante da vida, não abrir mão de todas as possibilidades que ela oferece, construir uma história, buscar um relacionamento saudável – mas não depender dele para existir – se livrar da maior dose possível de ansiedade, se sentir confortável com o próprio corpo e com as limitações da condição humana, tudo isso é um comportamento associado a mulheres das gerações atuais.

É como se fosse impossível para as mulheres nascidas antes de 1970 se livrarem do estigma imputado por boa parte da indústria de comunicação e propaganda, que insiste em tratá-las como um ser menor, menos preparado e mais inseguro, disposto a tudo para suprir seus medos, manipulável e frágil.

A entrevista de Marieta Severo à editora Milly Lacombe felizmente prova o contrário e reafirma nossa crença de que não é a idade que gera identificação entre as pessoas, mas a forma de elegerem as prioridades em suas vidas. Mesmo tendo nascido numa época em que o tratamento descrito acima era mais cruel e radical, Marieta nunca abriu mão daquilo que queria e em que acreditava. Construiu uma carreira sólida na área que escolheu, um relacionamento que gerou todos os frutos imagináveis, mas que não a tornou uma dependente química, soube lidar com sua sensualidade, exercendo-a sem culpa e sem excessos que traíssem sua natureza. Em que pese o favorecimento genético óbvio, soube também lidar com a beleza, sem fazer dela uma razão de ser ou uma arma para atingir objetivos. E, agora, como se verá na entrevista, lida igualmente bem com a maturidade e a nova fase que a vida descortinou à sua frente.

Para a enorme quantidade de mulheres que não obedecem à descrição dada lá em cima, acreditamos que a ***Tpm*** tem sido um alívio divertido e cheio de idéias novas. E Marieta Severo o é bem antes de nós.

Paulo Lima Editor

A AUTORA DOS DELICADOS TRAÇOS QUE ILUSTRAM A ***TPM*** A PARTIR DESTA EDIÇÃO É A ARTISTA PLÁSTICA **ELISABETH MEDINA FERREIRA**, 42, FORMADA EM ARQUITETURA E MATEMÁTICA. COMO BOA MINEIRA, BETTH MORA ATÉ HOJE NA CIDADE ONDE NASCEU: POÇOS DE CALDAS.

CADA NÚMERO DA ***Tpm*** TEM DUAS CAPAS. PEÇA AO JORNALEIRO PARA VER AS OPÇÕES E ESCOLHA A SUA. A FOTO DA MARIETA É DA AG. O GLOBO, DE 1968, E A FOTO DE FLÁVIO CANTO FOI FEITA POR CHRISTIAN GAUL.

E-MAILS E CARTAS

CONTE PARA A GENTE TUDO O QUE PENSA SOBRE A REVISTA E ESCREVA PARA **CARTAS@REVISTATPM.COM.BR** OU PARA RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP. SE PREFERIR SOLTAR O VERBO, LIGUE PARA (11) 3081 4511

PALMAS PRO CACO

Pela primeira vez li uma entrevista na qual me apaixonei por cada palavra *["Juntando os Cacos", **Tpm** #36]*. Tudo estava perfeito, simples e numa linguagem clara. Parabéns a Renata Leão e a toda equipe da revista ***Tpm***.
Éjerson Silva, Timóteo (MG)

Já ouvia há um tempo falar sobre a revista, mas só fui me interessar mesmo agora, quando acabei de ler uma ótima reportagem com o talentosíssimo Caco Barcellos. Vocês estão de parabéns. Adorei a revista!
Carla Mendrot, por e-mail

Faço jornalismo e, quando soube que o entrevistado das Páginas Vermelhas seria o Caco Barcellos, decidi comprar a revista. Para quem vai ingressar nessa carreira, Caco é essencial. Simples, harmonioso, claro, sensato... Como a vida deve ser! Adorei!
Dariane Cunha, Curitiba (PR)

NOIVAS EM FÚRIA

O Clube das Noivas *[Badulaque, **Tpm** #36]* é um canal extremamente útil, composto por engenheiras (meu caso), advogadas, professoras, repórteres e inúmeras profissionais. Não por pessoas alienadas que vivem no século passado! Não quero ensinar vocês a trabalhar, mas da próxima vez sugiro que façam uma pesquisa mais séria sobre o assunto antes de escrever besteiras de forma machista. Se tivessem feito uma matéria decente, saberiam que o clube também tem noivos.
Natalie Moscardini Borba, São Paulo (SP)

Se a intenção de vocês era fazer uma matéria que menosprezasse as mulheres que estudam, trabalham e ainda assim conseguem cuidar pessoalmente dos preparativos do casamento, parabéns! Não somos fúteis e histéricas como vocês fizeram parecer em sua reportagem.
Aycha Nunes, Belém (PA)

*A intenção da revista era apenas retratar, no tom bem-humorado que é a marca da seção Badulaque, o encontro que vocês promovem. Nada pessoal. Aliás, a gente ri de nós mesmos em primeiro lugar. Na página seguinte ao texto sobre o clube, vocês talvez tenham notado a matéria sobre os erros médicos da nossa infância, em que a própria equipe da **Tpm** expõe os constrangimentos que já enfrentou. Lamentamos que a reportagem tenha causado indignação.*

SEM GRAÇA

Adoro a ***Tpm***, mas achei que vocês exageraram ao falar da menina Rafaela, também conhecida como a mini-Ana Paula Arósio da propaganda da Embratel *[Badulaque, **Tpm** #36]*. Puxa, coitada! Ela é uma gracinha. Compará-la ao Chuck? Pobre garota.
Daniele Fonsaka, Curitiba (PR)

FÃ DO ROBI NO JAPÃO!

Adorei a entrevista com Robi Draco Rosa *["Não se Reprima", **Tpm** #36]*. Moro aqui no Japão e voltei no tempo. Hoje estou casada, com dois filhos, mas ainda amo esse garoto que um dia me fez delirar no Morumbi.
Elisabeth Vernuncio, Toyota (Japão)

DEMAGOGIA X HIPOCRISIA

Confesso ter uma simpatia pela Soninha. Mas achei que foi demagogia a atitude da revista, como veículo formador de opinião e sempre contestador, de colocar a Soninha na capa e dizer que *Trip* e ***Tpm*** votam nela *[capa, **Tpm** #35]*. Por que a Mara Gabrilli *[também candidata a vereadora e colunista da **Tpm**]* não foi capa? Como já dizia Nelson Rodrigues, toda a unanimidade é burra.
Ester, São Paulo (SP)

*Foi justamente por compartilhar de sua simpatia pela postura da Soninha que decidimos apoiar a candidatura. Assim como a da nossa colunista Mara Gabrilli. São duas mulheres que conhecemos bem e que podem fazer diferença na Câmara Municipal de São Paulo e na política brasileira. O jeito mais transparente de declarar nosso entusiasmo era nas capas de **Tpm** e Trip. A Soninha apareceu sozinha simplesmente porque, no prazo de fechamento editorial, a Mara ainda não havia decidido se candidatar. Não tem unanimidade. Mas burrice, para nós, seria não marcar posição numa hora dessas.*

FAZ DIFERENÇA

A proposta do Paulo Lima é uma alternativa oxigenada à mediocridade *in magazine* que circula por aqui. Gosto do inusitado, do fora de padrão que vocês nos proporcionam, tanto na linguagem como na forma de apresentação.
João L. Elias, por e-mail

DE VEZ!

Já era leitor da *Trip* há uns quatro anos e há pouco tempo comprei a ***Tpm*** para minha namorada, li por curiosidade e acabei gostando. Atualmente compro todas as edições. A Nina Lemos é fantástica!
Leandro Vieira dos Santos, São Paulo (SP)

FÃ DO CUENCA, O NOVO COLUNISTA

Estréia é sempre complicada, mas levei fé em ti e deu no que tem dado: Jamile emocionada, lágrimas nos olhos a cada novo texto teu. Este sobre Uma e o gato é arrebatador. Obrigada pelo sorriso matinal (nesta fria manhã aqui no Sul) que me colocaste no rosto.
Jamile Raimundo, Novo Hamburgo (RS)

GRANDE MILLY

Escrevo com lágrimas nos olhos pois sou apaixonada pelos seus textos, principalmente quando você fala do seu pai. Perdi meu pai há um ano e, assim como o seu, ele era especial.
Maria Paula Brondi, São Paulo (SP)

SUPERMARA

Fui obrigada a escrever para te parabenizar por ser como você é. Não sei se teria a mesma força e coragem que você. Com incentivo, com certeza, os deficientes terão uma qualidade de vida melhor e uma vida social mais ativa.
Daniela Tortelli, por e-mail

FOI MAL

Diferentemente do que foi escrito no Badulaque da ***Tpm*** #36, a frase "O passado se repete como farsa" é de Karl Marx.

PARA **ASSINAR** A *Tpm*, ESCREVA PARA TRIP@TELETARGET.COM.BR OU TELEFONE PARA **(11) 3038 1480**, DE 2ª A 6ª, DAS 8H ÀS 20H.

PEÇA PELO NÚMERO QUE A GENTE MANDA A REVISTA. ENVIE UM CHEQUE NOMINAL OU VALE-POSTAL NO VALOR DE R$ 7,50 PARA A *TRIP* EDITORA E PROPAGANDA S/A E RECEBA A EDIÇÃO QUE VOCÊ ESCOLHER PELO CORREIO, NA SUA CASA. ENVIE TAMBÉM UM TELEFONE PARA CONTATO. NOSSO ENDEREÇO: RUA LISBOA, 78, 05413-000, SÃO PAULO, SP, AOS CUIDADOS DO DEPTO. DE CIRCULAÇÃO.

Material chroniony prawem autorskim

SÃO PAULO: R. Oscar Freire, 1009 / Shopping Iguatemi RIO DE JANEIRO: São Conrado Fashion Mall, 3º piso

DIESEL
-Nature-
Love it while it lasts

MACHU_PICCHU_CUSCO_PERU
2003_MARATONA_TRAIL_INCA

UMA MARATONA SOBRE ESTRADAS DE TERRA E PEDRAS MILENARES? UMA CORRIDA TÃO BRUTAL PRECISA DO ADISTAR TRAIL GROUND CONTROL SYSTEM™. UM TÊNIS QUE MUDOU AS CORRIDAS EM TRILHAS PARA SEMPRE. SEU REVOLUCIONÁRIO SISTEMA DE SUSPENSÃO TEM O EFEITO DE NIVELAR QUALQUER TERRENO, PERMITINDO QUE OS CORREDORES SEJAM ÁGEIS PASSANDO INTEIROS POR LUGARES QUE PARECIAM IMPOSSÍVEIS.

IMPOSSIBLE IS NOTHING.

MILL_VALLEY_ESTADOS_UNIDOS
1969_TRILHA_DIPSEA

HÁ MUITO TEMPO, UM GRUPO DE ATLETAS DIFERENTES DECIDIU NÃO APENAS CAMINHAR PELA TRILHA DIPSEA, MAS PASSAR POR ELA CORRENDO DE VERDADE. O TRAIL RUNNER, UM DOS PRIMEIROS CALÇADOS COMPETITIVOS DE TRILHA, FOI FEITO PARA ESSE DESAFIO. TROUXE AOS CORREDORES A TRAÇÃO QUE PRECISAVAM PARA PULAR SOBRE PEDRAS, DESVIAR DOS GALHOS E DAR INÍCIO A UM NOVO ESPORTE.

adidas.com/running

FOREVER SPORT
adidas

INVASÃO DE PRIVACIDADE

EXÍLIO, CHICO BUARQUE, DROGAS, ROTINA, CASAMENTO, SEPARAÇÃO, DITADURA, MATERNIDADE, CULPA, CARLINHOS BROWN: FALA, MARIETA

por Milly Lacombe

A entrevista poderia ter sido uma catástrofe, a pior entrevista da história das entrevistas: que tipo de repórter idiota perguntaria a Marieta Severo se é verdade que ela ainda tem conta conjunta com o ex-marido Chico Buarque?

Eu.

Eu, que fui gentilmente convidada pela própria Marieta a entrar em sua sala, puxada pela anfitriã pelo braço para ver a espetacular vista da varanda de sua casa na Gávea – com direito a Rocinha, Lagoa e muito mais. Eu, que fui por ela servida de café e salgadinhos e sentei em seu sofá, de frente para vários porta retratos onde se eternizam momentos-família dos Severo-Buarque de Holanda: Marieta, Chico, as três filhas (Silvia, 35, Helena, 33, e Luísa, 29) e os três netos (Francisco, 8, e Clara, 6 – de Helena –, e Lia, 2, de Luísa). Eu, que sei tão bem quanto você que Marieta não é dada a entrevistas, que gosta de preservar sua vida pessoal, que não aceita falar de intimidades e, sobretudo, que odeia falar publicamente de Chico – isso, mesmo quando eram casados.

Acontece que um dos pré-requisitos do bom jornalismo é perguntar tudo o que for relevante para que o leitor possa entender melhor quem está sendo retratado. É preciso fazer o entrevistado se sentir à vontade e só aí entrar em áreas desconfortáveis e dar o bote que diferencia grandes entrevistas das café-com-leite. Quando o papo está uma delícia, como era o caso, fazer isso é ainda mais difícil.

Marieta Severo da Costa, 58 anos, é uma de nossas melhores e mais prolíficas atrizes. São mais de 30 filmes, seis novelas e 50 peças, sem contar sua participação como dona Nenê no seriado global *A Grande Família*. Nasceu em família de classe média e tradicional, em 2 de novembro de 1946. Como qualquer garota de sua época, vivia na praia, estatelada ao sol. Como poucas garotas de sua época, tinha Antônio Pitanga como companheiro de frescobol. E se acabava de dançar ao lado de Nelson Motta, Edu Lobo, Dori Caymmi, Leila Diniz – todos adolescentes ainda virgens de fama. A vida seguia em ritmo de sol, mar, banquinho e violão até que Marieta, que aos 18 anos cursava magistério para virar professora primária, entrou por acaso no Tablado (escola de teatro) durante o ensaio de uma peça e ficou encantada com a arte de representar. Convenceu o pai, um desembargador mineiro muito sério, de que ser atriz era uma profissão como outra qualquer e foi à luta.

Não tivesse ela entrado no teatro naquele dia, certamente não teria conhecido o homem de sua vida: Chico Buarque, que, em 1966, aos 22 anos, foi levado pelo amigo Hugo Carvana para assistir a uma peça de Marieta e ficou maravilhado com a morena que viu no palco. Esperou uns dias e voltou, dessa vez trazendo um vaso de flores nas mãos.

"Sabe quem era meu parceiro no frescobol? O Antônio Pitanga. O Rio era um gueto, né? Ipanema, década de 60"

Recém-saída de um primeiro e brevíssimo casamento, Marieta foi morar com Chico pouco tempo depois, e a união durou 30 anos. Construíram uma tradicional vida familiar, com direito a almoço de domingo, buscar criança no colégio e passar a noite em claro porque uma das meninas estava com febre. Eram uma bolha de caretice em meio à efervescência da época. Não que eles não apoiassem todos os movimentos experimentais, mas, como lembra Marieta, ela tinha que acordar cedo no dia seguinte. Agora está sozinha, pela primeira vez na vida. A separação, embora doída, foi muito bem resolvida por ambos, que são hoje grandes amigos.

A entrevista a seguir toca em assuntos da vida de Marieta sobre os quais ela se sente pouco confortável falando. Mesmo assim, em nenhum momento fez cara feia. Nem mesmo quando indaguei sobre a tal conta conjunta. Nessa hora, rindo com aquele eterno jeito de moleca, Marieta simplesmente disse: "Ah, não faz isso, vai. A gente tava indo tão bem". Como o compromisso com o bom jornalismo vem acima da vontade de agradar quem se admira, vai aqui a resposta: sim, Marieta e Chico dividem talões até hoje.

Tpm. Que tipo de adolescente você foi?

Marieta Severo. Fui uma criança rebelde, inquieta, que lidava muito mal com limites. Na adolescência fiquei mais quieta. Namorava, dançava rock'n'roll, mas era isso. Fazia o normal, ia ser professora primária.

Ser atriz, nem pensar...

Não, não tinha nada a ver. Meu pai era advogado, terminou a vida como desembargador, minha mãe era professora de inglês e de prendas domésticas. Eu habitava o mundo da classe média carioca. Ia à praia, jogava muito frescobol, passava horas tomando sol, estava sempre queimadona. Ipanema, década de 60, imagina. Era uma época em que não se passava protetor solar, até porque isso não existia. Passávamos Rayito de Sol, que era um acelerador solar *[risos]*.

Mas e essa veia artística, como se manifestou?

Ela já estava ali, quietinha. Com mais ou menos 16 anos, tinha um conjunto com uns amigos da praia e do colégio chamado Seis em Ponto. Sabe quem fazia parte? Dori Caymmi, Nelson Motta, Edu Lobo... olha só! Era farra de adolescente. Eles tocavam, eu cantava e dançava. Lembro que saía do Bennett *[escola onde fazia o normal]*, na Senador Vergueiro, e passava na casa dos pais do Nelsinho, que moravam ali do lado, onde essa turma se encontrava. Nossa, acho que nunca falei sobre isso antes, você está me fazendo abrir o baú. Um dia, lá por 1962, quando me preparava para ser professora, passei na porta do Teatro Tablado e resolvi entrar. Me apaixonei na hora e comecei a me aventurar pelos palcos do Rio.

Não tinha Chico nessa época?

Não, isso era bem antes. Época de praia, frescobol. Sabe quem era meu parceiro no frescobol? O Antônio Pitanga *[risos]*. O Rio era um gueto, né? Tudo isso era Ipanema. Ipanema da década de 60.

Você se casou cedo, não foi?

Aos 18 anos, com o Carlos Vergara, que é artista plástico. Mas foi um fracasso, o casamento durou um ano... Não, brincadeira, não foi um fracasso. É que eu era menina, não era para ter casado, né?

E o Chico entrou no filme quando?

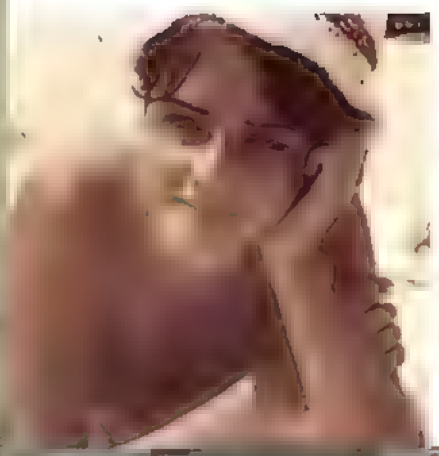
Em 66, quando estava fazendo minha terceira peça. Ele tinha ido ao Rio para apresentar o primeiro show dele na cidade. Daí o Hugo Carvana, que era o diretor desse show, levou o Chico para ver a minha peça. Eu já tinha ouvido falar desse novo músico de São Paulo, sabia que ele já tinha até feito um disquinho e tal. O Hugo nos apresentou e cada um foi para o seu lado. Dias depois, o Chico voltou com flores. Daí a gente começou a sair e, pouco tempo depois, estávamos morando juntos.

Você era politicamente engajada?

O jovem na década de 60 fazia parte de uma geração completamente comprometida com mudanças sociais. Não só no Brasil, mas na França, na Itália. Tudo caminhava para transformações. O pensamento era de que tudo tinha de ser experimental: a escola, o casamento. Havia uma grande necessidade de ruptura. Veja o feminismo: até a geração da minha mãe, o bastão ia passando de mulher para mulher, absolutamente igual. A maneira de educar o filho, de se comportar dentro do casamento. Mas minha geração falou: "Queremos tudo diferente, queremos outro formato para o casamento, para a educação, queremos uma outra vida social". Semana passada estava ouvindo Mercedes Sosa, e tinha uma música de ninar no CD que me fez dar muita risada. Era assim: "Dorme negrito que tu mamá

1969: Marieta e Chico na maternidade em Roma durante o exílio posam com Silv a a prime ra f lha

Reprodução



Em sentido horário: aos 5 anos, adolescente, estatelada ao sol na praia de Ipanema, em 1965, com o pai em sua festa de formatura; e com os pais, aos 16 anos, e uma amiga no pátio do Instituto de Educação, onde fez o normal

"Nunca fui ver o sol se pôr em Ipanema. A essa hora provavelmente estava amamentando, trocando fralda, fazendo uma peça"

está en el campo/que tu mamá está en el campo". E, nessa hora, a cantiga sabe entra uma voz forte: "Trabajando, trabajando!" *[risos]* A mensagem social era encaixada onde desse, entende?

E vocês achavam que estavam mudando o mundo?

Claro! Era muito estimulante. A gente fazia teatro e acreditava que aquela peça ia transformar o mundo. A gente fazia com fé, com empenho, com paixão. É muito bom quando o ser humano se permite viver com essa intensidade.

Mas o mundo não só não mudou como ficou mais careta...

Bom, depois que você saca que não pode mudar o mundo todo, acaba restringindo um pouco *[risos]*. Mas não importa, o que é maravilhoso é que esse ímpeto seja estimulado no jovem porque é nessa época que você tem que acreditar que pode mudar o mundo. Fazer parte de uma geração como a que veio com a ditadura, que não tinha a oportunidade de canalizar esse ímpeto que é inerente ao jovem, é muito triste. Aí começam as drogas sem a intenção de experimentação, aí começa essa força que vai sendo mal canalizada...

Mas era só engajamento? Porque viver só disso deve ser um porre.

[Risos.] Claro que não era só isso. A gente cantava, jogava frescobol, ria muito. Antes da ditadura, era efervescência pura. Em 68, a cortina caiu e me lembro de pensar: "Caramba, minha juventude está indo embora numa ditadura. E isso ninguém vai me dar de volta".

Nessa época, as mulheres queimavam mesmo sutiã ou isso era uma metáfora?

Sei que hoje parece ridículo, mas a gente tinha que chamar a atenção. As pessoas perdem a noção da repressão. Essas mulheres que radicalizaram foram úteis. Às vezes precisa radicalizar. Sabe, tem que ter uma maluca, uma louca para começar o movimento de mudança.

Tem que exagerar.

Tem que exagerar para depois equilibrar. Vai pra rua, queima sutiã. Isso tudo teve muito sentido e, na época, eu era a favor, embora nunca tenha pessoalmente queimado nenhum *[risos]*. Nunca fui uma militante da causa feminista, no dia seguinte tinha que amamentar.

Você era um núcleo meio careta dentro disso, né?

Era bastante. Porque tive filho muito cedo. Engravidei da Silvinha com 21. Sempre tive muita vontade de ser mãe. Então, com 24 eu já tinha duas filhas. Com 27, três. Não era uma jovem solta

Em sentido horário: com as filhas Silvia e Luísa em recente evento social nas noites do Rio; com a amiga Leila Diniz na novela *Anastácia, a Mulher Proibida*, em 1967; e no espetáculo Roda Viva, em 1968

que ficava lá no pier vendo o sol se pôr. Nunca fui ver o sol se pôr em Ipanema. Porque a essa hora provavelmente estava amamentando, trocando fralda, fazendo uma peça *[risos]*

Mas você também se permitiu experimentar, não?
Não vou dizer que nunca fumei maconha ou tomei ácido. Era impossível ir a um lugar e não ter um fumo passando. E o ácido tinha um sentido de pesquisa, de se conhecer melhor. Só que nada disso tinha a conotação que tem hoje. Hoje isso está ligado à violência, ao abuso, ao dinheiro sujo. Antes, fazia parte de uma certa poesia que tinha esse movimento de ruptura. Mas para mim o principal era criar minhas filhas. Então, não havia tempo para pirar. Eu pensava: "Piro ou não piro?". E a resposta era sempre: "E se não der conta? Não posso, tem criança em casa me esperando para comer".

E o exílio no meio disso tudo?
Foi no ano de 69. Nós saímos do Brasil em janeiro de 69 e voltamos no meio de 70.

Vocês tiveram que sair da noite para o dia?
Não. Estava grávida de sete meses da Silvinha, e o Chico tinha que ir a uma feira de música em Paris. Fomos para ficar só o mês de janeiro porque eu precisava voltar para ter filho. Só que aí prenderam o Caetano e o Gil, a ditadura começou, o AI-5 disse a que veio.

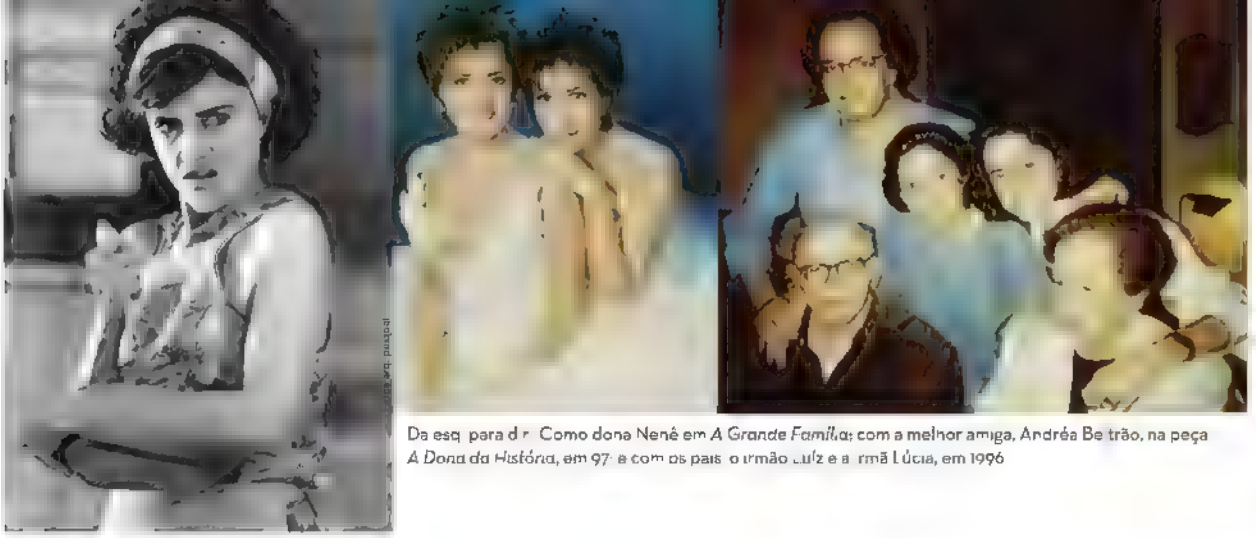
Aí vocês não voltaram?
Começamos a receber recados de que, se o Chico voltasse, ele ia do aeroporto para o quartel. O recado era esse. E nós, aqueles dois jovens perdidos na Europa.

Você era filiada a algum partido?
Não. O Chico incomodava por causa das letras, das posições que ele assumia em suas composições. No teatro a gente tinha que se apresentar para ser avaliado pelo censor. Aqueles famosos ensaios gerais. Mas vivíamos inventando maneiras de driblar o censor.

O que no fundo era um grande exercício de criatividade...
Olha, eu acho isso uma coisa muito duvidosa, sabe? O que estimula criatividade é liberdade. Claro que se criam mecanismos. Foi a época das metáforas, mas isso não é o melhor, o melhor é a liberdade. Fica definitivamente combinado que o melhor é sempre a liberdade.

E como foi não poder voltar para casa e ter que parir na Europa?
Acho que é a pior sensação. Em mim, o efeito foi imediato. Perdi 6 kg no oitavo mês de gravidez. A gente era muito jovem, não sabia direito como fazer, o que fazer. Passamos momentos duros lá fora.

E por que vocês escolheram ficar na Itália?
Porque era onde o Chico já tinha um pequeno campo de trabalho. Os exilados todos iam para Paris, né? Mas o Chico tinha morado na Itália na infância, então tinha uma coisa afetiva. Eu tinha saudade de feijão, tinha desejo de feijão, precisava comer feijão, queria feijão, só pensava em feijão preto.



Da esq. para dir. Como dona Nenê em *A Grande Família*; com a melhor amiga, Andréa Beltrão, na peça *A Dona da História*, em 97; e com os pais, o irmão Luiz e a irmã Lúcia, em 1996

Sua vida ficou de pernas para o ar?
Voltamos quando a Silvia tinha um ano e meio. Dentro do que aconteceu, nossa repressão foi leve. Não quero ficar como mártir porque aconteceram tragédias com outras pessoas

E como foi a volta?
Trouxe da Itália a idéia de adaptar com amigos a *Ópera dos Três Vintêns*. A gente se reunia na minha casa, e o Chico ficava rondando. Ele começou a participar um pouco, foi se empolgando e falou assim: "Vocês nao querem que eu escreva isso?". E a gente: "Claro!" *[risos]*. Daí nasceu a *Ópera do Malandro*. O texto é dele. E as músicas são deslumbrantes, né?

Como é existir socialmente sozinha depois de 30 anos sendo uma dupla?
Não contava com essa dificuldade quando me separei. Era muito difícil para as pessoas me verem sozinha. A gente foi um casal público durante 30 anos. Era sempre Chico e Marieta. As pessoas não sabiam como lidar comigo sozinha. Talvez também não soubesse chegar, era complicado. Ficava horas conversando com as mulheres com medo de que elas achassem que estava querendo alguma coisa com os maridos delas. Uma paranóia.

O fato de você e Chico terem continuado amigos ajudou?
A gente soube viver isso de uma maneira que me deixa muito feliz e a ele também, e às nossas filhas. Vejo casais que se separam e nao se falam mais e fico chocada porque aquela é a pessoa que você escolheu para dividir tua vida. O Chico é meu melhor amigo, a primeira pessoa com quem vou falar numa situaçao difícil.

Passada a turbulência, que tal estar em vôo solo?
Não é melhor nem pior, é outra história. Acredito muito nos roteiros da vida. Então, de repente, você se redescobrir sozinha, sem nenhuma dessas referências, sem nenhum desses espelhos, e mudar, aprender a ser de um outro jeito, é muito bacana.

Quais os grandes baratos dessa nova fase?
Em geral, para a mulher, os desejos de todo mundo vêm antes do próprio. Simplesmente porque satisfazer os desejos de quem se ama te dá prazer. Então, se todo mundo quer ir numa pizzaria, você nao vai dizer: "Ah, eu não quero comer pizza hoje". Você vai ficar tao feliz de a família toda estar feliz comendo pizza junto que vai comer a pizza que nem estava a fim de comer

E agora, que tal comer outra coisa?
Eu adoro pizza. Nem sei porque usei pizza como exemplo *[risos]* Descobrir as tuas vontades é um barato. De repente, me via com vontade de ir para Salvador ver meus netos, entrava num avião e

O Chico é meu melhor amigo, a primeira pessoa com quem vou falar numa situação difícil.

ia. Ou falava: "Esse fim de semana vou pra São Paulo. Vou ver exposições, vou ver sei lá o quê". E pronto, não tenho que me arrumar com ninguem, não tem essa coisa de meu marido, de encaixar horários. A gente tinha uma coisa muito grudada e muito ligada, de fazer as coisas junto, que é muito legal também, mas, enfim, redescobri coisas. Não, eu descobri coisas. Porque sempre fui casada. Saí de casa para casar e para casar de novo *[risos]*.

E essa bolha dentro da qual você conseguiu manter suas vida privada? Foi planejado?
Sempre achei que é melhor separar vida privada da pública. As pessoas se alimentam de aparência, de uma foto, de uma capa, de um convite para uma festa badalada. Todos os momentos da vida parecem ser compartilhados com o público. Nao tenho necessidade disso. Mas nao tenho nada contra quem gosta.

Sua vida sempre foi comum?
Comunérrima. Não tem glamour nenhum. É dor de dente, briga com as crianças que deixaram tudo fora do lugar, com quem não fez a lição, é muito normal. Eu saía de casa para ir trabalhar, deixava as crianças com a babá e tinha culpa sim. Como qualquer outra mulher Ah, o glamour! A gente na banheira, com rosas em volta... Que banheira?! Não dá tempo nem de tomar banho direito *[risos]*.

As meninas reclamavam quando você saía para o teatro?
Várias vezes saí de casa com uma filha pendurada: "Manhêêê, a que horas você volta?". E eu morrendo de culpa, pensando: "Ai meu Deus, será que nao é melhor ficar em casa?". As dúvidas estavam por todos os lados. Isso é igual pra todo mundo. Uma vez cheguei em casa, e uma das meninas falou: "Mae, nao tem milho pra pipoca?" Eu quase morri. Aquilo era uma culpa, um desleixo, eu era a última das maes. Como fui deixar acabar o milho para a pipoca? *[Risos.]*

Você é dessas mulheres super-responsáveis em tudo?
Demais até. Em casa, sempre me ocupei das coisas todas: o contábil, o escritório, as relações com amigos. O Chico é mais desligado, sempre foi. Então, o pé na realidade sempre foi mais meu que dele.

Como era a rotina da família?
Almoço no domingo sempre foi sagrado. Lembro que saía depois do almoço para fazer a matinê e, quando me mexia muito no palco, dizia. "Ai, acho que vou vomitar, o cozido ta subindo". Era ou cozi-

Em sentido horário: com a filha caçula Luísa, em 1980; com Helena no colo, em 1974; com a primogênita Silvia, em 1977

do, ou feijoada, ou galinha ao molho pardo *[risos]*. Aí chegava no intervalo e eu: "Pelo amor de Deus, Coca-Cola, Coca-Cola!". Todas as noites dava o jantar para as meninas e ficava com elas antes de ir para o teatro. Mas nunca acordei cedo para levar à escola.

E quem levava?
Eu tinha babá e chofer. Tinha uma vida que me facilitava em algumas coisas porque chegava do teatro meia-noite, ainda ia jantar, então não dava para acordar às seis e meia da manhã com filho. Mas eu acordava às dez e ia buscar na escola. Meu dia começava assim.

Você era o tipo de mãe que conversava com as filhas sobre drogas e sexo?
Ah, se falava de tudo lá em casa. Mas a criança vive do que ela capta no ambiente dela. Não adianta fazer discurso se isso não corresponde à realidade. Como o jantar em família dependia de minhas peças, fazia questão de que almoçássemos sempre juntos. E era nessa hora que se falava abertamente. O segredo era responder às perguntas delas com sinceridade e simplicidade, e a gente percebeu isso rápido.

A Bebel Gilberto *[filha de Miúcha, irmã de Chico]* **contou que você foi como uma segunda mãe para ela.**
Que gracinha! Eu me lembro dela garota, recém-chegada do México, entrando lá em casa e falando: "Io quero banána". Elas são primas-irmãs, as minha filhas e Bebel e Janaína *[filha de Leila Diniz e do cineasta Ruy Guerra]*. É uma irmandade muito bacana

Leila Diniz *[atriz e primeira mulher a usar biquíni em plena gravidez, morta em 72, aos 27 anos, em um acidente de avião]* **era sua melhor amiga?**
Era. Leila exerceu a liberdade dela de ser mulher de maneira exemplar, tanto é que virou esse ícone, né? Ela tinha um comportamento livre e alardeava isso. Na minha família, não havia hipótese de você falasse palavrão, e a Leila falava muito palavrão. A primeira vez que ela foi à casa do meu pai, sentou à mesa e foi mais Leila que nunca. E meu pai adorou. Ele ria daquela menina com 20 anos a quem chamou de boca suja. Era o jeito de ela se expressar e era tão sincero, que todo mundo era encantado com a Leila.

A morte dela foi das mais prematuras, não é?
Ah, foi horrível, um dos maiores baques da minha vida. E a Leila era eterna, né? A Leila era tão símbolo de vida que ela morrer era uma contradição. Em todos os sentidos. E essa morte de uma pessoa que explode no ar! Não conseguia conceber isso

Como é ser sogra do Carlinhos Brown?
Eu nem conhecia o Carlinhos quando a Lelê *[Helena]* começou a namorar ele. Ela foi passar um Carnaval na Bahia e começou a namorar. Depois fui sabendo quem ele era e fui me apaixonando também, porque o Carlinhos é uma pessoa especialíssima. Então ele foi se aproximando, e aí a gente aprendeu a falar aquela linguagem dele. Olha, ele é delirante, mas tem uma lógica no pensamento que é só dele. No fundo ele deve achar que a gente é que é delirante *[risos]* Ele tem uma cabeça que está em evolução, o pensamento dele, quando você começa a penetrar, tem uma lógica absurda. E tem uma coerência e uma justeza, sabe, de atitude, do que ele pensa com o que ele faz. É maravilhoso. Ele tem uma mistura de sofisticação que você não sabe de onde vem porque ele é uma pessoa que teve poucos recursos para estudar, então não vem de estudo, mas vem de uma antena absolutamente requintada, fina, que se mistura com uma coisa popular. Você vê ele passando pelas ruas da Bahia, e ele é rei. Rei sem querer exercer reinado nenhum, entendeu? Isso é que é bonito.

E você vê alguma coisa dele nos seus netos?
A menorzinha *[Clara, 6 anos]* é animada igual a ele. Assim de falar com todo mundo, extrovertidaça.

Qual sua maior emoção como mãe?
Acho que a maior emoção é ver sua filha parindo. É uma coisa inenarrável. Eu vi três vezes. Nossa, não tem emoção maior.

Maior do que dar à luz?
Mais. Essa coisa da vida continuando, né? De ir passando o bastão e ver a tua filha passando o bastão. É lindo.Você fala: "Ah, então tá certo, eu vim aqui para isso e, no meio tempo, fui ser atriz" *[risos]*.

Carmim

25
Melissa Celebration
1979
2004
A VIDA NÃO É APENAS
UMA GRANDE FESTA. SÃO VÁRIAS.

EDITORAS CONVIDADAS

QUAL O PIOR VEXAME QUE VOCÊ JÁ DEU? E A MAIOR CAFONICE DE SUA INFÂNCIA?

Aos 14 anos, nunca tinha tomado um porre. Estava passando férias em Maresias com uma amiga e resolvemos fazer um quau com a turma da praia. Os meninos compraram muita bebida, e eu decidi que naquele dia tomaria meu primeiro porre. Minha amiga preparou vários copos de martini com vodca, a coisa mais horrível do mundo, e eu entornei todos. Passei mu to mal e tive que ser carregada pra casa por dois dançarinos do Clube das Mulheres que estavam no quau. Os caras eram mu to bagaceiros. Muita vergonha. Já a cafonice foi ter cortado o meu cabelo igual ao da Mara Maravilha, uma coisa me o Chitão. Sim, eu pedi para a cabeleireira cortar meu cabelo igual ao da Mara... (foto)

1 PROGRAMA LEGAL

Desde pequena tive mais amigos homens que mulheres. Meu primeiro pé na bunda foi chorado com um amigo que também estava sofrendo dor de cotovelo, e passamos seis meses inundando juntos o patio do recreio do colégio. Muitas vezes era a única garota num grupo de dez, 15 meninos, mas nunca me senti uma intrusa no meio deles. Ao contrário, me tornei uma espécie de confidente, um integrante da turma com quem se podia revelar emoções e abrir os segredos mais escondidos do mundo masculino, sem que isso mais tarde virasse piada maldosa. Aprendi que todo grupo de meninos tem uma dinâmica mais ou menos igual, não importa se a turma é formada por skatistas, músicos, nerds, playboys, politécnicos... ou globais. Essa ficha caiu na cordilheira dos Andes, há 4 500 metros de altura e menos 15 ºC, quando mais uma vez me vi cercada só de meninos – e sete agora. Ano passado ganhei na Mega-Sena dos snowboardistas ao conquistar a conta de assessoria de imprensa do Valle Nevado. É por isso que recebi a missão de acompanhar a equipe do *Caldeirão do Huck*, que iria fazer uma expedição de heli-snowboard (modalidade em que os praticantes são levados até o topo de uma montanha de helicóptero para descer de snow numa pista virgem). O Luciano, que anda muito de snow, convidou dois amigos que também dominam a prancha para a aventura: Marcelo Faria e Rodrigo Santoro. Existiam riscos reais de avalanche e acidentes sérios. Além disso, o helicóptero tinha de voar na potência máxima, desviando de ventos, para chegar a um ponto virgem da montanha onde começaria a descida. Essas variáveis todas foram motivo de mais de dois meses de intensa troca de e-mails entre a produção do programa, o Valle Nevado e os "atletas" envolvidos. Estávamos todos excitados e apreensivos com o que iria acontecer na montanha

No dia da descida, usei um dos ens namentos básicos da men na-sozinha-num grupo-de-men nos-que-não-são-da-sua-turma fique na minha, observando qu eta a movimentação. Depois de duas viagens de helicóptero, todos estávamos no topo da montanha Hora da verdade, o b g brother das neves ia começar Logo no inicio, 'dent'fico dois alfas, que é como chamo men nos que fazem o papel de l'der, Bepe, o homem de gelo e dono do helicóptero, instrutor experiente conhecedor das montanhas e chefe abso luto da expedição. E Luciano, apresentador do programa, anfitrião dos meninos, também um conhece dor daquelas montanhas e motivo pelo qual todos estavam al:.

Atrás dos a fa, os beta, cada um com sua part cularidade fofa, porque se tratava de dois men nos fofos. Rodr go era o introvertido, via ando no aqui e agora, chegando perto da luminação budista Numa exper ênc.a dessas, a atenção prec sa estar 100% focada em você e na montanha Não há espaço para pensamentos externos, no que se fez ontem, no que se vai fazer semana que vem. Acho que Rodrigo foi o que mais chegou perto do êxtase na aventura. E Marcelo, o emociona , lutando contra a nsegurança de ter sido o últ'mo a chegar ao Chile e não ter tido tempo de treinar, mu to menos aclimatar.

Em seguida, os garotos malas, geralmente o grupo de ma'or representação numa turma de meninos Aqueles que não têm nenhum ta ento, inte igência, opinião, charme nem carisma especia e que passam pela vida fazendo p.adas sem graça, arrumando brigas, exalando aquela vibe "u-hu!" de Peterson Foca. Eram três deles, que deveriam colar nos men'nos e descer as montanhas com uma câmera na mão f lmando todas as manobras e os eventua s tombos dos beta e do Luc ano, a ém de garant r a segurança do trio. Uma tarefa difíc.l, que exige técn'ca e obediência, coisa que só um garoto mais com um bom líder pode cumprir bem.

E eu, a menina-sozinha-num-grupo-de-men'nos-que-não-são-da sua-turma no meio da cordilheira A descida começou Bepe na frente, Luciano, depois Rodrigo. Eu me coloquei como penúltima da f a Não ia ser a "aparecida", nem arrumar uma indisposição subcon sc ente com o alfa (que vai sempre na frente). Como não tinha instrutor (estavam todos ocupados filmando), se me ac'dentasse ainda teria alguém atrás de m m para ajudar no caso, Marce o e o nstrutor de e.

Foram quase três horas de exercício intenso, de atenção absoluta na prancha, nos meus movimentos e na montanha Descobri que os men nos globais – além de bom coração inteligentes e, convenhamos, lindos – mandam muito bem no snowboard.

Na volta para o hote , o grupo transp rava felicidade, cansaço, superação e êxtase. E fome, muita fome. Todos tinham aquele olhar misterioso de quem acabou de viver algo único, de ser 'niciado. Se fosse feita uma nova chamada, a l.sta agora tena um oitavo nome O meu

EDITOR AS CONVI DADAS

JULIANA LOUREIRO

gi, mudou radical, encerrou atividades na ItGirl, sua confecção, para se dedicar à ioga

GAROTAS DE PRAIA

QUAL O PIOR VEXAME QUE VOCÊ JÁ DEU? E A MAIOR CAFONICE DE SUA INFÂNCIA?

Em 93, voltei de uma temporada no exterior e fui a uma festa para reencontrar a turma do colégio. Estava conversando com uma amiga, quando um cara que eu detestava se aproximou. Cochichei pra ela: "Lá vem aquele pentelho insuportável". E tive que ouvir que ela estava no vai de e. Foi péssimo. Mas talvez nem tanto quanto ter, em 89, ido de smoking e cabelos ultrabufantes para uma festa black-tie me achando bacanérrima. Na verdade estava um trubufu.

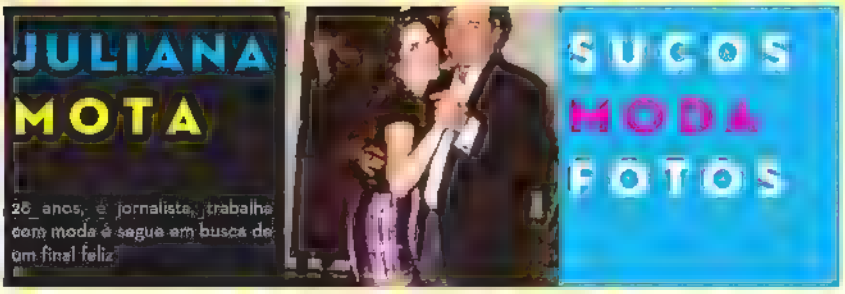
1 A NOVA ONDA

Mês retrasado, recebi a visita da Bettina, minha amiga querida que mora em Maui, no Havaí. Entre vários badulaques que me trouxe de lá, veio uma revista chamada *Foam*. Foam, além de significar espuma de onda e material de prancha de surf, é a sigla de "Fashion, Ocean, Arts and Music". A revista, que acaba de ser lançada (ganhei de presente o número 1!), foi feita para "garotas que amam praia", segundo palavras da editora. Ela vem recheada de imagens incríveis de surf, moda, tem entrevistas, diários de viagem e foge de assuntos óbvios como ranking das surfistas, cronograma de competições etc. É bimestral, com fotos de tirar o fôlego e perfis de mulheres bacanas, que têm em comum o amor ao surf ou à praia. Como a publicação ainda não chegou ao Brasil (o Brasil, no entanto, chegou à revista: a grife praiana Salinas está presente em todos os editoriais de moda), só me resta descrever as reportagens que achei mais incríveis, todas de dar água na boca.

- Diário de um surf safári na África do Sul, onde três "Billabong girls" (Sanoe Lake, Kelly Potts e Alana Brennan) contam como foram seus dias de surf em Jeffrey's Bay e o safári no exótico Ecca Lodge Game Reserve. A reportagem reproduz trechos dos diários com a caligrafia delas. Se você quer saber mais sobre as meninas, vá ao site www.billabonggirls.com.
- Retratos e auto-retratos tirados pela campeã mundial de longboard, modelo e fotógrafa Daize Shayne, com descrições da própria sobre o que ela mais gosta de cada foto e das pessoas ali clicadas. Mais em www.daizeshayne.com
- Entrevista com Summer Rapp, surfista e snowboarder de 26 anos que, depois de três anos trabalhando na confecção de surf feminino Roxy, virou diretora de design da marca Volcom, que faz roupas e equipamentos de esqui, snowboard, alpinismo e skate.
- Reportagem, recheada de fotos ótimas, sobre a história do biquíni, em que consta um agradecimento especial às brasileiras por terem criado a tanga.
- Entrevista com a tetracampeã mundial de surf, Lisa Andersen, sobre as origens da moda praia e do surfwear feminino.

PUMA
puma.com

EDITORAS CONVIDADAS



QUAL O PIOR VEXAME QUE VOCÊ JÁ DEU? E A MAIOR CAFONICE DE SUA INFÂNCIA?

Um vexame memorável foi uma bronca aos berros que tomei de um guarda francês na fila do check-in no aeroporto de Paris. Motivo: estava com uma mala lotada de livros e, como não queria pagar excesso, pedi para uma garota desconhecida cuidar dela para mim enquanto eu fazia o processo de embarque. Fui descoberta e tive que desembolsar uma nota preta para despachar a bagagem. Mas o pior foi a vergonha. Uma cafonice de adolescência era a moda de calças e shorts de cintura alta, um hit entre minhas amigas da época e, felizmente, a gos impensável hoje em dia.

1 SUCO NOSSO DE CADA DIA

Bairrismo à parte, é notório e inegável que o Rio tem as melhores casas de suco do país. Por aqui, receber um convite para tomar suco é tão corriqueiro quanto beber uma cervejinha. As casas de suco estão para o Rio assim como as padarias estão para São Paulo. Todo carioca tem a sua predileta: PoliSucos se mora em Ipanema, BB Lanches se vive no Leblon, Bibi Sucos se é do Jardim Botânico. A coisa funciona na maior informalidade: a maioria tem apenas um balcão tipo de botequim, e a turma fica por ali mesmo na calçada deliciando-se com misturas de frutas servidas quase sempre em copos de plástico. O problema é que às vezes dá vontade de tomar um suco com um pouco mais de conforto. Até porque alguns são verdadeiros prêmios para quem tem bom paladar (o de figo com água-de coco, por exemplo) e merecem ser degustados com calma e pompa. Pois bem, nessas horas de maior exigência a dica é correr para o Juice Co., no Leblon, uma casa superaconchegante, com direito a sofá e varanda. O mais bacana é que dá para ir de Havaianas numa boa. E os sucos, como manda a tradição carioca, são preparados com a própria fruta e não com polpa congelada. É um mais delicioso que o outro — e todos vêm em copo de vidro. O de melancia com manga é imperdível. Outras delícias são o de morango com abacaxi e uva e o Picante, de melancia com gengibre. Pra quem gosta de misturas inusitadas tem o Zen, de maçã com aipo, e o Exótico, de tangerina, abacaxi e banana.

Vá lá: *Juice Co, (21) 2294 0048, R. General San Martin, 889, Leblon. Nos fins de semana, tem um café-da-manhã delicioso só com produtos orgânicos. O suco grande (480 ml) custa R$ 5,50*

Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque
de limão.
Também na versão light.
PEPSI
Twist
350 ml
A mapBBDO

EDITORAS CONVIDADAS: JULIANA MOTA

2 RIO, CAPITAL BOLSAS

ZED

Se você tem uma queda por bolsas, atenção. De três anos para cá, o Rio se revelou verdadeiro celeiro de novos designers. Profissionais consagrados como Glorinha Paranaguá e Gilson Martins encabeçam a lista. Ela, a grande dama da bolsa made in Rio; ele, sempre bem-humorado e muitíssimo carioca em suas criações. No pelotão intermediário estão minhas queridas amigas Alessa Migani e Daniella Martins. Nas mãos de Alessa, tudo vira hype: em sua nova coleção, batizada de Sindicato das Donas de Casa, panos de prato e perfex foram transformados em bolsas divertidas, sempre barrocas e cheias de cor. Já Daniella é romântica. Em seu ateliê, produz umas maravilhosas com tecidos bordados, tudo feito à mão. Mas as "meninas superpoderosas" da vez são Paula Parisot, carioca recém-chegada de Paris, e Ana Suassuna, que acaba de criar a Muggia. Dá vontade de ter tudo o que elas fazem. Tecidos e aviamentos exclusivos trazidos da França dão graça às peças de Paula, que produz em pouquíssima quantidade. Lindas de morrer, as bolsas de cetim da Muggia vêm com sachê perfumado e uns bonecos fofos do Peter Pan e dos Meninos Perdidos, que lembram os robozinhos sensação da Prada. Duro é escolher.

p.s.: Depois que mandei esta coluna, conheci a nova coleção de Laura Lima e me apaixonei também. Alegres e femininos, os modelos, feitos de palha de buriti (uma árvore tipo palmeira) do Maranhão, têm frutas e coqueiros bordados. A capanga com cerejas penduradas é irresistível.

1 e 2 Muggia; 3 e 4 Paula Parissot; 5 Daniella Martins; 6 e 7 Laura Lima

Vá lá: *Glorinha Paranaguá, (21) 2267 4295, Gilson Martins, (21) 2227 6178, Casa da Alessa, (21) 2287 9939, Daniella Martins, (21) 2294 8804, Paula Parisot, (21) 2274 1924, Muggia, (21) 2205 5470, Laura Lima, (21) 2548 4066*

1

2

3

4

5

6

7

Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque
de limão.
Também na versão light.
AlmapBBDO

EDITORAS CONVIDADAS

QUAL O PIOR VEXAME QUE VOCÊ JÁ DEU? E A MAIOR CAFONICE DE SUA INFÂNCIA?

Na minha festa de 15 anos, estava toda arrumada, maquiada, cabelo com escova, quando recebi uma ovada do Tipe, meu irmão caçula, na época com 6 anos. Ele tinha aprendido isso na escola e achou que eu ia gostar. Resultado: tive que tomar banho com todos os convidados me esperando. O cabelo ficou horrível, e ainda passei a festa toda cheirando a ovo. Nessa época, usava umas roupas péssimas para ir a festas. Ficava parecendo um bolo de noiva.

1 SARAU POP

Em tempos de Orkut, quando fica evidente a necessidade de as pessoas dividirem experiências e sentimentos, a reedição dos saraus vem bem a calhar. Esses encontros festivos promovidos por amigos e que acontecem em volta de alguma manifestação artística têm ocorrido em todo lugar: apartamentos, clubes, teatros, salões de festa... No cardápio, produções de pintores, escultores, músicos, poetas e dançarinos; todos artistas do nosso tempo que apostam numa fórmula simples para divulgar sua obra. A fórmula já criou movimentos importantes como a Semana de Arte Moderna de 22. Há um ano, frequento em São Paulo um muito legal, o Sarau da Santos, iniciativa da minha amiga Laís Fleury. Os encontros acontecem na sala do apê da Laís e, às vezes, reúnem tanta gente que quartos e cozinha terminam invadidos. O bacana é que, mesmo que seja habitué, você nunca sabe o que vai encontrar. Como trabalho e gosto de artes, a Laís pediu que eu convidasse algum artista plástico para um sarau. Pensei imediatamente na Rosana Paulino, que se apresentou por lá há um ano. Naque a quarta-feira, São Paulo ficou às escuras. Ainda assim, os patuás, os bordados e os desenhos dela emocionaram todo mundo.

2 DICAS PARA MONTAR UM SARAU

1. Escolha um lugar descontraído, que possa acolher um número grande de pessoas. Defina um dia para o sarau acontecer. O da Santos, por exemplo, acontece na segunda quarta-feira do mês.
2. Chame os amigos e faça um "brainstorm" para montar uma lista de atrações. Comece convidando os amigos e os amigos dos amigos.
3. Nunca selecione mais de quatro atrações por noite. E procure diversificar. Por exemplo: reúna na mesma sessão um artista plástico, um grupo de hip-hop e um contador de histórias
4. Deixe espaço para os intervalos. Não esqueça que parte do "barato" dos saraus é a confraternização entre os participantes.
5. Deixe as pessoas à vontade para levar amigos. Mas peça para todo mundo confirmar a presença.
6. Não esqueça de pedir a contribuição de todos. No Sarau da Santos, o esquema funciona na base da "caixinha". Agora a coisa está ficando tão profissional que tem até patrocinadores: o bufê Arroz de Festa oferece a sopa, a Colômbia Flora fornece os arranjos, a Impexco cede vinho Canepa e a loja do Pão de Açúcar da alameda Santos dá o material de limpeza

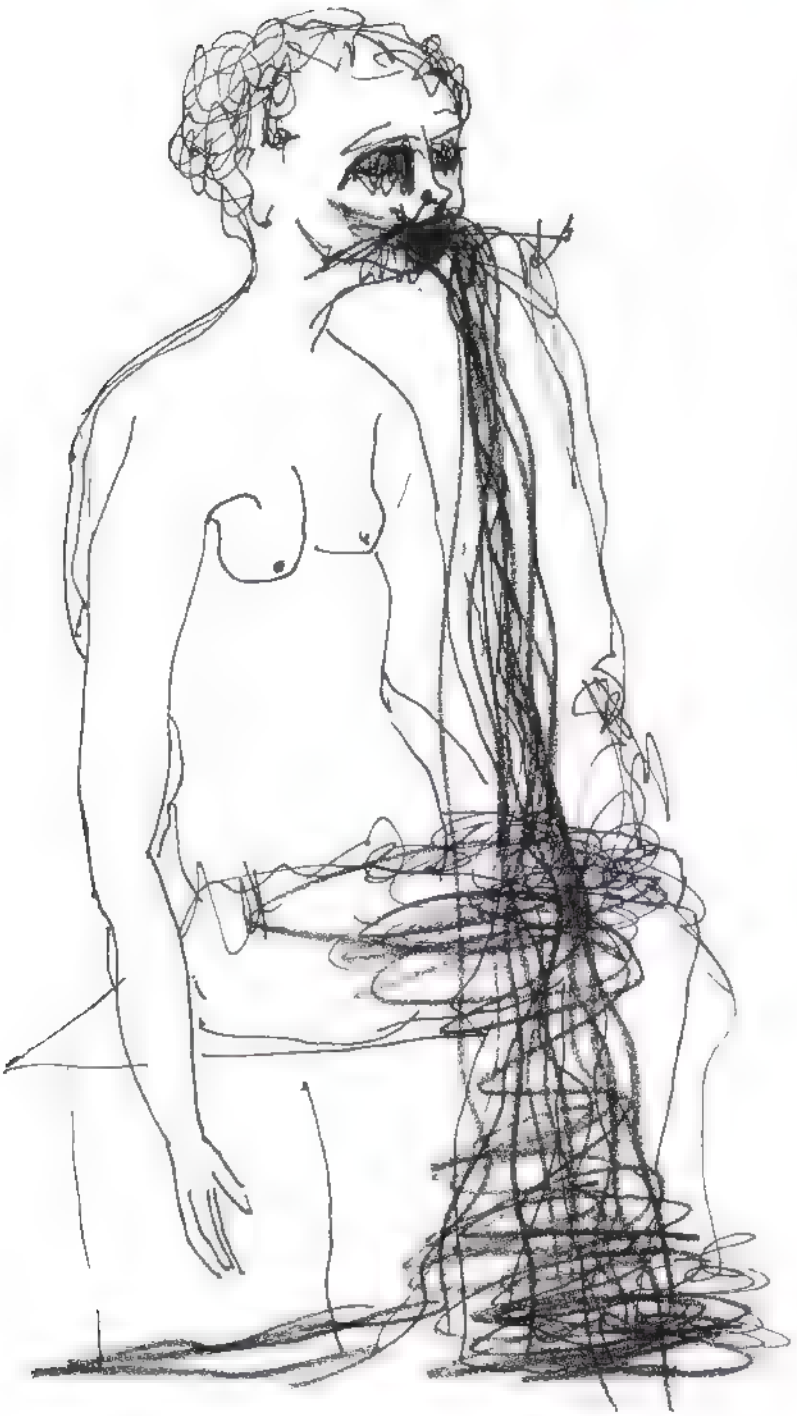
Pepsi Twist.
A Pepsi com um toque
de limão.
Também na versão light.

A map BBDO

DANIELLA BIANCHI

CONVIDADAS

3 A FORÇA DE ROSANA



Conheci o trabalho da Rosana no fim de 2000, quando ela participou da Mostra do Redescobrimento na Fundação Calouste Gulbenkian, em Portugal. Desde então, tive o privilégio de acompanhar pessoalmente a evolução da obra de a, com direito a deliciosas visitas a seu ateliê, sempre acompanhadas de chá e bolo caseiro. Além da beleza, da delicadeza e da sensibilidade de seu trabalho, cuja densidade, na minha opinião, chega a lembrar a de Louise Bourgeois, não soube definir ao certo por que ela me parecia a artista adequada para um sarau. Mais tarde aprendi que a idéia de "pontes" que a Rô costuma usar para definir sua obra está totalmente em sintonia com o espírito democrático dos saraus. Complicado? Me explico pelas palavras da própria Rosana: "Traçar uma ponte entre passado e presente através do trabalho, pensar a inserção de um grupo social historicamente marginalizado, uma ponte entre mundos e pessoas diferentes. Unir. Construir um elo entre os excluídos e marginalizados". Não preciso dizer que a apresentação da Rosana foi um sucesso que rendeu muitos frutos. Naquela noite, ela conheceu a Helena, idealizadora de um projeto social chamado Os Alunos da Escola Fontenelle e que, como a Rô, também nasceu na periferia. Um tempo depois, Helena apresentou Rosana a Kasumi, estudiosa americana que está no Brasil pesquisando a arte dos japoneses emigrantes. É assim que os movimentos culturais começam.

Vá lá: *se quiser participar do Sarau da Santos, mande um e-mail para sarau@playerfilmes.com.br. Para conhecer o trabalho da Rosana Paulino, escreva diretamente para ela: rosanapaulino@hotmail.com*

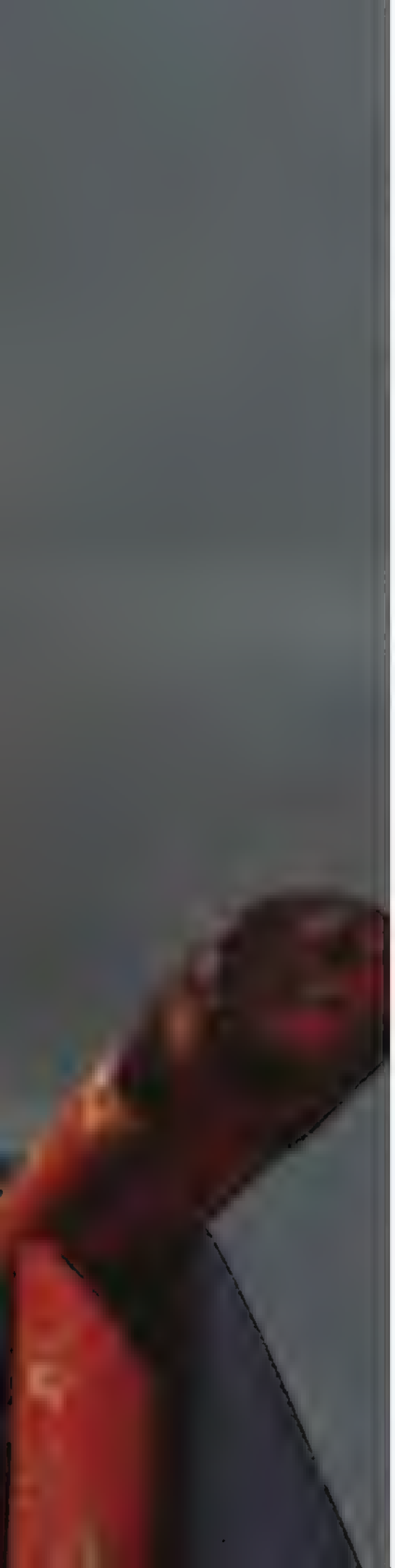
A coluna de Daniela Sousa Pinto volta na próxima edição

Cultura também é um compromisso com o futuro

A Infraero, administradora dos 66 maiores aeroportos do Brasil, investe na idéia de que promoção cultural é também um mecanismo de investimento social. Além de patrocinar a produção de filmes, livros e peças teatrais, os aeroportos possuem espaços culturais para exposições, principalmente de artistas locais. Criar oportunidades para novos talentos e apoiar manifestações culturais é uma das formas do Brasil descobrir seu ritmo.

INFRAERO
Aeroportos Brasileiros

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

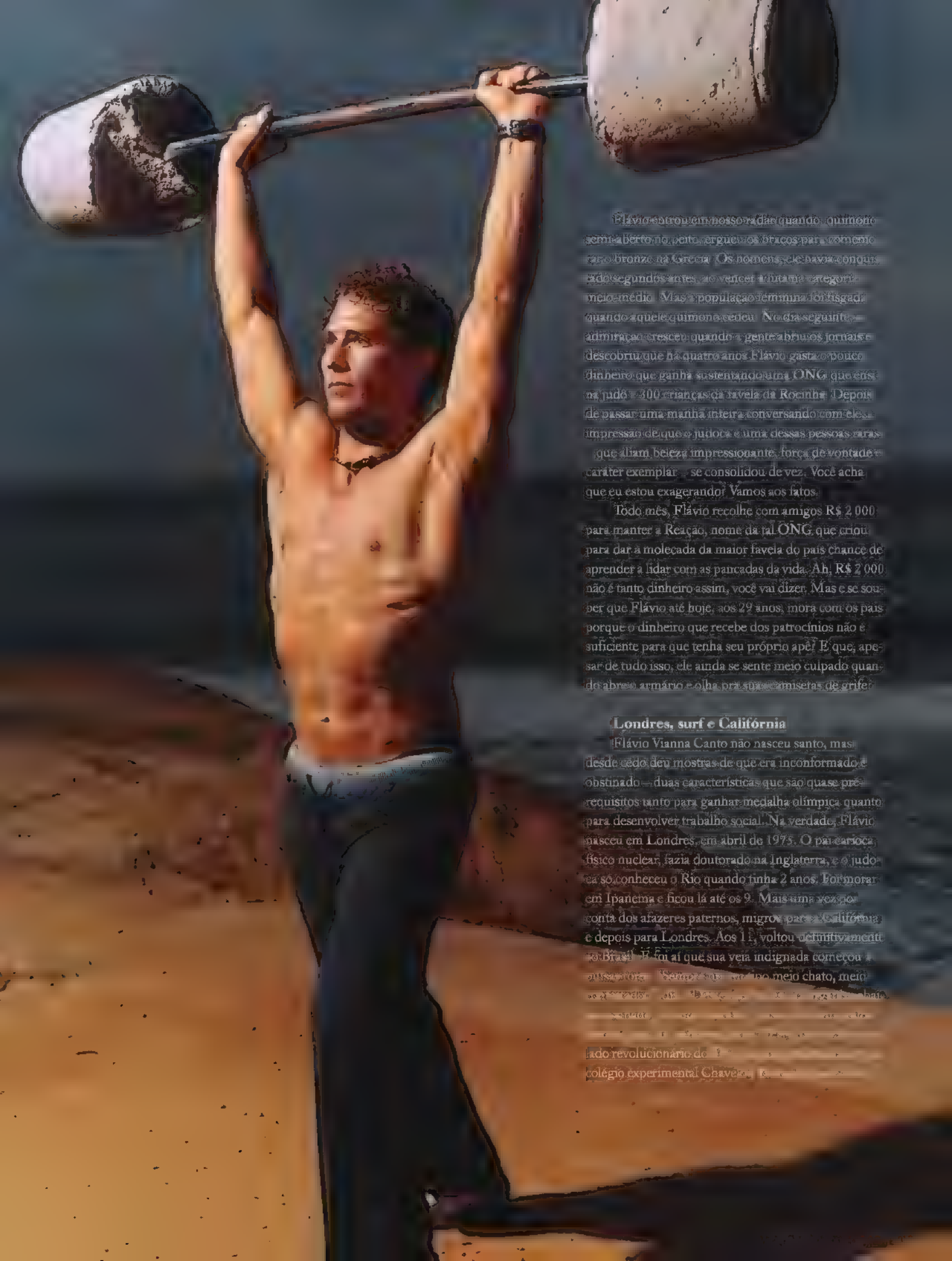


Um encanto

fotos Christian Gaul por Milly Lacombe

Ele pediu para não ser retratado nestas páginas como bom samaritano. Mas acontece que Flávio Canto, o judoca que deu ao Brasil um dos três bronzes que o país faturou em Atenas, é **bom moço até o último fio de cabelo.** E bonito à beça, idealista, raçudo...

ENSAIO



Flávio entrou em nosso radar quando, quimono semi-aberto no peito, ergue os braços para comemorar o bronze na Grécia. Os homens, ele havia conquistado segundos antes, ao vencer a luta na categoria meio-médio. Mas a população feminina foi fisgada quando aquele quimono cedeu. No dia seguinte, a admiração cresceu quando a gente abriu os jornais e descobriu que há quatro anos Flávio gasta o pouco dinheiro que ganha sustentando uma ONG que ensina judô a 300 crianças da favela da Rocinha. Depois de passar uma manhã inteira conversando com ele, a impressão de que o judoca é uma dessas pessoas raras – que aliam beleza impressionante, força de vontade e caráter exemplar – se consolidou de vez. Você acha que eu estou exagerando? Vamos aos fatos.

Todo mês, Flávio recolhe com amigos R$ 2 000 para manter a Reação, nome da tal ONG que criou para dar à molecada da maior favela do país chance de aprender a lidar com as pancadas da vida. Ah, R$ 2 000 não é tanto dinheiro assim, você vai dizer. Mas e se souber que Flávio até hoje, aos 29 anos, mora com os pais porque o dinheiro que recebe dos patrocínios não é suficiente para que tenha seu próprio apê? E que, apesar de tudo isso, ele ainda se sente meio culpado quando abre o armário e olha pra suas camisetas de grife?

Londres, surf e Califórnia

Flávio Vianna Canto não nasceu santo, mas desde cedo deu mostras de que era inconformado e obstinado – duas características que são quase pré-requisitos tanto para ganhar medalha olímpica quanto para desenvolver trabalho social. Na verdade, Flávio nasceu em Londres, em abril de 1975. O pai carioca, físico nuclear, fazia doutorado na Inglaterra, e o judoca só conheceu o Rio quando tinha 2 anos. Foi morar em Ipanema e ficou lá até os 9. Mais uma vez por conta dos afazeres paternos, migrou para a Califórnia e depois para Londres. Aos 11, voltou definitivamente ao Brasil. E foi aí que sua veia indignada começou a [illegible] meio chato, meio [illegible] lado revolucionário do [illegible] colégio experimental Chave [illegible]

Por essa época, como tinha asma e era alérgico a tudo, o médico recomendou que fosse fazer natação. Dali ao surf foi uma braçada. Obcecado pelo novo esporte, começou a cair no mar todos os dias até que, aos 14 anos, foi conferir uma aula de judô que seu irmão Pedro, dois anos mais novo, estava fazendo. E foi amor à primeira queda. Aos [illegible] da seleção brasileira, aos 20 ficou em quinto no [illegible] Olimpíada de Atlanta (1996). [illegible] desconforto de Flávio com o mundo. [illegible] Rio de Janeiro não desigual incomodava e foi por isso que resolveu ensinar a molecada da Rocinha.

Tento encontrar alguma fraqueza no caráter do rapaz, qualquer uma. Pergunto o que ele faz quando não está dando aulas nem reinando. Quem sabe descubro algum hobby polêmico, como caçar passarinhos? Flávio conta que surfa todo dia, o que dificilmente poderá ser usado contra ele. É mulherengo? Não, namora há nove anos a jornalista Bianca Rothier. É torcedor do Flamengo ou do Vasco? Não, do Fluminense. É um filho ausente? Não, janta com os pais todas as noites.

Desisto.

CARIOCA REPUBLIC

Tpm. Você sempre foi inconformado?
Flávio Canto. O que eu lembro é que, desde pequeno, as pessoas que me interessam na vida são as mais simples. Eu ia às festas com meus pais e ficava conversando com garçons, manobristas. Aí, com 15 anos, criei com um amigo o Judô Contra a Fome. Era assim: a gente promovia um dia de lutas com atletas de ponta e pedia para que todos trouxessem alimentos, brinquedos. Daí a gente saía e distribuía o saldo em alguma instituição de caridade. Esse tipo de coisa ajuda a diminuir um pouco a culpa e a vergonha, né? Mas saquei que o que falta por aí é carinho, é doar seu tempo, seu conhecimento. Isso vale muito mais que roupa e comida. Aí encasquetei que ia alfabetizar pessoas nas comunidades carentes. Comecei a subir morros para bolar um projeto de alfabetização, mas vi que ensinar a ler não era minha praia. Me encontrei quando entendi que o judô poderia ser usado como instrumento de inclusão social.

Aí você montou sua ONG.
Em 2000, quando perdi a seletiva para a Olimpíada de Sydney, percebi que meu mundo não ia acabar e que podia usar o tempo extra para realizar um projeto maior. Foi aí que montei a Reação.

__A sede da ONG fica no 14º andar de um prédio comercial em Sao Conrado, bem ao pé da Rocinha. Quando cheguei para entrevistar Flávio, ele estava dando aula para duas dúzias de alunos numa sala onde caberiam com conforto nao mais que dez. Depois, me disse que o melhor da medalha de Atenas era a possibilidade de atrair parceiros para poder alugar uma sala maior. Hoje, a Reaçao tem 300 alunos, todos moradores da favela, e Flávio sabe o nome de cada um deles. Até o fechamento desta edição, a Reação continuava na sala apertada.

Você parece um São Francisco de quimono...
De jeito nenhum. O que eu faço é quase hipocrisia. Vai olhar o meu armário. Tá cheio de roupa boa. Ando num carro com ar-condicionado, vou a bons restaurantes, o que faço aqui é o mínimo. Eu digo isso a essa garotada: eles precisam saber que a vida é dura para todo mundo, mas que, para eles, é um pouco mais. Sei que vou parecer piegas, mas o que o judô faz é ensinar a cair para depois se levantar. É fundamental que eles aprendam a não desistir, a continuar lutando, a cair e levantar. Se eu formar campeões, vou ficar muito feliz. Mas o que pretendo é incluí-los socialmente através do judô. Só isso. *[Nessa hora ele faz uma pausa e olha para a janela atrás de mim. Percebo que seus olhos estão cheios de lágrima. Flávio não parece constrangido nem tenta esconder a emoção.]* Eu aprendo com eles muito mais do que ensino. Eles me fazem ser um cara menos egoísta, mais humano, basicamente uma pessoa melhor.

Carreira política está nos seus planos?
De jeito nenhum, não é a minha. Embora até me interesse e tenha minhas crenças ideológicas. Acabei de ler a biografia completa de Che Guevara, um tijolão. Acho que não sairia na rua com uma camisa estampada com o rosto dele, mas sem dúvida era um cara idealista.

Onde você mora?
Moro com meus pais na Barra.

Mas você tem quase 30 e namora há nove anos!
[Risos.] Adoro a minha casa e posso estar mais perto dos meus pais e do meu irmão. Desde garoto foi assim. A Bianca mora sozinha e não temos pressa. Além disso, o que eu ganho da Universidade Gama Filho, meu único patrocinador, não dá ainda para sustentar uma família.

Me conta um podre seu, pelo amor de Deus! Um só.
Acho que sou um cara meio neurótico, obsessivo. Sou capaz de passar a noite aperfeiçoando um golpe, por exemplo. Tem dois tipos de atleta: o que tem talento, e o que se esforça muito. Sou do segundo tipo. Para ficar entre os melhores, preciso continuar obcecado.

Veja mais fotos de Flávio no nosso site: **www.revistatpm.com.br**

Estilo **Eduardo Roly** Beleza **Lutera Thabisa** Assistente de fotografia **Pedro Arruda** Agradecimento **Chiaro**

Flavio é recebido no Galeão por alguns de seus alunos ao voltar da Grécia

Vida dupla

AVENTURA

retrato André Brandão por Milly Lacombe

Na maior parte do ano, **Ana Elisa Boscarioli** é cirurgiã plástica, mãe e esposa dedicada. De vez em quando, vira uma das mais ousadas alpinistas do Brasil. Em agosto, enfrentou pela terceira vez o Aconcágua, a maior montanha das Américas. **Antonio Carlos Soares**, diretor de planejamento aqui da editora, também estava lá. A versão dele está na edição 127 da Trip

Maquiagem **Omar Berges** Assistente de fotografia **Cadu Maya**

Campinas, 1981

A vida de Ana Elisa mudou quando, aos 15 anos, sacou como poderia driblar o pai, homem muito sério e disciplinado. As regras da casa eram claras: sair durante a semana, nem pensar. A vontade de ir pra farra era tanta que uma noite ela resolveu arriscar: abriu a janela do quarto, pulou no parapeito, desceu pelo tronco da goiabeira até o quintal, pulou o muro de quase 2 m que separava seu jardim da casa do vizinho e só então saltou para a rua, onde um amigo a esperava com o carro ligado. Deu tão certo que ela repetiu a rotina por vários meses sem que os pais e os irmãos percebessem.

"Quando você é mãe, pondera muito mais o risco."

Aconcágua, agosto de 2004

A 500 metros do cume, rosto coberto de neve, pés e mãos trincando, Ana Elisa, 38 anos, toma uma das mais difíceis decisões de sua vida. Mesmo sob os protestos de Antonio Carlos, o A.C., ela dá as costas para a montanha e antecipa o retorno à base.

Se você encontrar Ana Elisa pelas ruas de São Paulo, nunca vai imaginar que acabou de cruzar com uma de nossas mais arrojadas alpinistas. Em 2003, ela entrou para a história ao se tornar a única brasileira a conquistar o topo do Aconcágua (6 962 m) pela via direta do Glacial dos Polacos, uma das mais difíceis. Elegante, fala mansa, bem vestida, sua aparência faz essa história ficar ainda mais pitoresca. Quando não está na mesa de cirurgia operando bastos (sua especialidade), Ana Elisa se desdobra entre os treinos e o cuidado com a filha (Francesca, 4 anos) e o marido. Seu cotidiano é frenético desde que ela se conhece por gente. Ainda garota, em Campinas, vivia correndo com os meninos. De boneca, não se lembra de ter brincado. A lista de esportes por ela já domados não caberia nesta matéria. Basta dizer que vai da ginástica olímpica à maratona (só a de Nova York ela completou duas vezes), passando por trapézio (sim, o de circo) e corrida de aventura.

Mesmo com tantos afazeres, conseguiu passar no concorridíssimo vestibular de medicina. Fez três anos na PUC de Campinas. Até seu pai descobriu suas fugas noturnas e decretou: faculdade, ele não pagaria mais. Resignada, prestou vestibular novamente e entrou na Unicamp, onde se formou. Por essa época, conseguiu emprego num hospital público no Ipiranga, zona sul de São Paulo, bem perto de uma favela. Todo dia, pegava o carro e vencia os 100 km que separam Campinas da capital. Tratou de baleados, esfaqueados, queimados, dilacerados. Fez um pé-de-meia e, aos 28, já formada, inaugurou seu primeiro consultório na terra natal. Em três anos, já era uma das mais requisitadas cirurgiãs plásticas da cidade.

Em 1995, de férias em Florianópolis, conheceu o empresário paulistano Lamberto Ramenzoni. O namoro engrenou e foram morar juntos. Um ano depois, abriu seu segundo consultório, agora em São Paulo. Em 2000, nascia Francesca.

Mas as coisas na vida de Ana sempre aconteceram tridimensionalmente. Enquanto em um compartimento ela brilhava profissionalmente, decidia morar junto e engravidava, no outro, o esportivo, ia alternando o cardápio de modalidades. O alpinismo entrou no filme quando fez uma viagem turística ao Nepal, em 99. Na hora em que viu o Himalaia, pirou. Quis conhecer o acampamento base do Everest, onde aqueles que vão escalar a maior montanha do planeta fazem aclimatação. Lá, deu de cara com alpinistas do mundo inteiro e pensou: por que não?

Na volta ao Brasil, comunicou a Lamberto que iria começar a escalar. Ele riu aquela risada que você dá quando sabe que a pessoa está brincando. Mas ela não estava. Comprou meia dúzia de livros sobre medicina de altitude e mergulhou neles. Na seqüência, entrou na internet e descolou uma expedição para o Aconcágua. "O que pouca gente sabe é que para escalar o Aconcágua você quase não precisa de técnica. É uma longa caminhada, muito inclinada, mas apenas isso", explica tentando desmistificar o hobby. Eu olho para o enorme painel exposto em sua sala com uma montanha rodeada por nuvens, com um paredão de gelo superinclinado. Pergunto se ela escalou aquele pico *[descubro que se trata do Alpamayo Chico, na Bolívia, com mais de 5 000 m]*. Ela responde que sim. "Mas aquilo não é só caminhada!", retruco. "Eu sei, mas agora estou melhorando a parte técnica", diz enquanto eu penso que só subiria uma montanha daquelas para salvar a vida de um de meus sobrinhos – e em nenhuma outra hipótese.

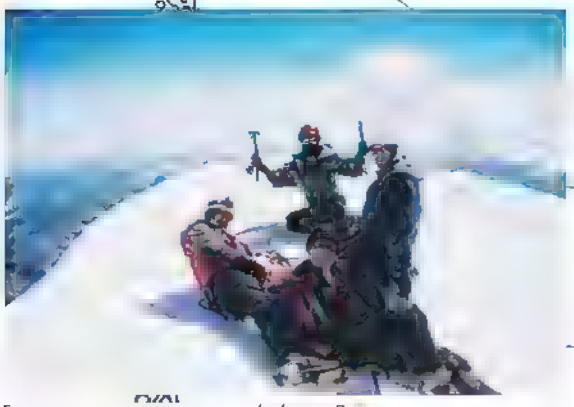
Rumo ao topo

Quando a pequena Francesca estava com 6 meses, ela decidiu que estava pronta para encarar o Aconcágua. "Foi uma decisão muito dura porque ela era taãão pequena, tão frágil, tão dependente", lembra hoje. A menina ficou com Lamberto, que sempre apoiou as aventuras da mulher mesmo acreditando que para escalar montanhas é preciso ser um pouco maluco. Na hora do embarque, o lado materno quase venceu o aventureiro. Ana teve uma crise de choro que durou 48 horas. Dias depois, já no Aconcagua, enquanto dava passos muito lentos e meditativos rumo ao cume, não conseguia tirar a filha da cabeça. "Entre um passo e outro penso um milhão de coisas que podem ser desde 'o que estou fazendo aqui?' até assuntos mais reflexivos." Para Ana, essa é a beleza do montanhismo. "Junto à montanha, vendo aquela imensidão, as idéias entram em perspectiva." Diante disso nem a falta de banho por um mês é problema. "Meu cabelo fica uma lástima, mas faço duas tranças e esqueço dele por 30 dias."

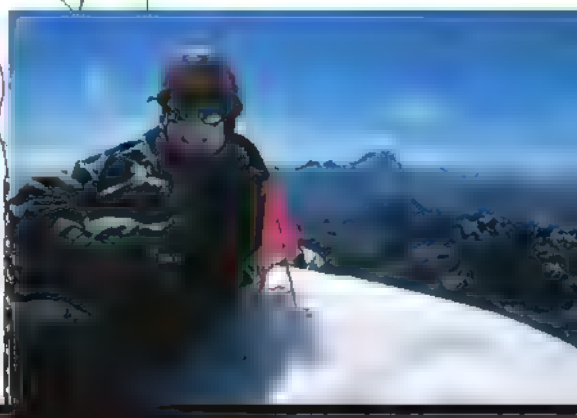
Muito por causa da filha, vendo o tempo mudar, a 500 m do cume, Ana desistiu. "Quando você é mãe, pondera muito mais o risco." Nessa primeira empreitada no Aconcágua, A.C. estava a seu lado e, como aconteceria três anos depois, insistiu para que ela fosse até o fim. Quase chorando, Ana deu pela primeira vez as costas para a montanha que a desafia até hoje. Quando voltou para casa, um mês depois, Francesca estava engatinhando.

Enquanto se preparava para duelar o Aconcágua novamente, foi fazer cursos de escalada. Também subiu montanhas menores e mais técni-

Com o marido na cratera do vulcão Lascar, deserto do Atacama, Chile, no começo deste ano



Em 2003, com amigos, no cume do Illimani, Bolívia



Em sentido horário: no cume do Alpamayo Chico, em 2002; concentrando-se para a entrada do Glaciar do Alpamayo Chico, em 2002, na Bolívia; com sua expedição no campo-base do Illimani, Bolívia, 2003 (A.C. é o segundo da esq. para a dir.); com a filha Francesca, em 2003

Faça a experiência: atrito provoca fogo.

Preservativos texturizados Blowtex Action e Blowtex Performe. Você nunca sentiu nada igual.

Faça bonito. Faça com Blowtex.
www.blowtex.com.br

À direita preparando-se para encarar a parte mais arriscada da cascata Zona Perigosa, Argentina, 2003

cas, como a da foto que eu vi na sala. No verão de 2003 — dessa vez armada com um aparelho que permitia que falasse com Francesca e Lamberto de qualquer ponto da montanha — foi mais uma vez ao Aconcágua. Seguindo a dica de A.C., subiu pela via mais inclinada, que é mais curta, mas exige maior habilidade técnica. Por esse caminho, Ana chegou ao topo e voltou para casa com a certeza de que ainda tinha uma missão a cumprir: subir pela outra face, considerada mais fácil, mas que já a havia feito desistir dois anos antes. Para deixar a coisa mais interessante, decidiu que a tentativa seria feita no inverno. Nunca antes uma mulher conquistara o Aconcágua durante os meses mais frios do ano, quando as dificuldades aumentam muito. E Ana queria ser a primeira.

Aconcágua, agosto de 2004

A 500 metros do cume, depois de 15 dias de caminhada sob temperaturas de 25 °C negativos, Ana olha para A.C. e não gosta do que vê: "Ele estava horrível, parecia um cadáver coberto de gelo. Pensei: 'Meu Deus, devo estar igual a ele, e isso não pode ser bom'.". Nessa hora, a única outra mulher da aventura, a argentina Graciela "Popi" Spagnuoli, diz que está muito cansada, com fortes dores no rim e vai voltar. Ana pondera. Poderia fazer um esforço e chegar ao ponto mais alto. Tinha reserva física para isso, embora seus pés e mãos estivessem doendo demais. Mas teria forças para voltar? E se o tempo continuasse piorando?

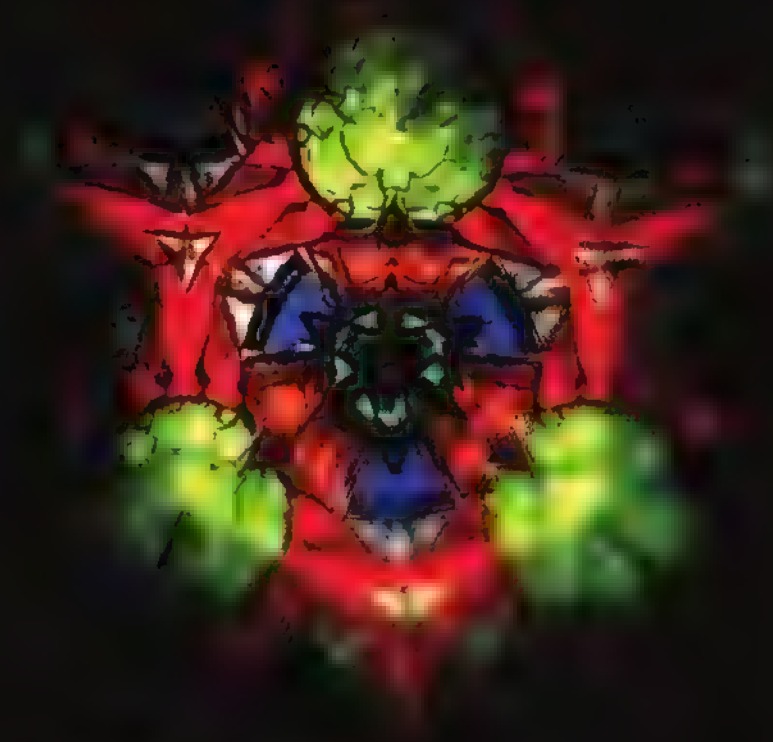
No mesmo ponto em que desistiu no verão de 2001, cutucou A.C. e avisou que estava voltando. "Mas você não pode fazer isso. Já estamos quase lá!", disse ele irritado. "É minha decisão final. Estou voltando com a Popi."

Disse isso, virou as costas e iniciou a descida. A.C. e os quatro outros integrantes da expedição que não desistiram chegaram ao cume e se tornaram os primeiros brasileiros a conquistar o Aconcágua durante o inverno. Mesmo voltando, Ana e Popi bateram o recorde feminino invernal ao alcançarem os 6 400 m.

Alternando a semana entre São Paulo, Campinas e Americana, onde tem consultórios, ela planeja a revanche. Vai chegar, talvez ano que vem, ao cume pela via que teima em desafiá-la. Depois, a meta é o Everest. Outro filho também está nos planos e, acontecendo, adiará seu cronograma de investidas. Enquanto isso, Francesca cresce e faz a mãe sonhar com o dia em que escalarão juntas. Eu olho para a menina, que acaba de chegar de uma festa e agora está na sala com a gente, e flagro a pequena escalando o sofá, duas vezes maior do que ela, repetidas vezes.

Leia na edição 127 da Trip a versão de **Antonio Carlos Soares**, diretor de planejamento aqui da editora, que acompanhou Ana ao Aconcágua.

Cavalera

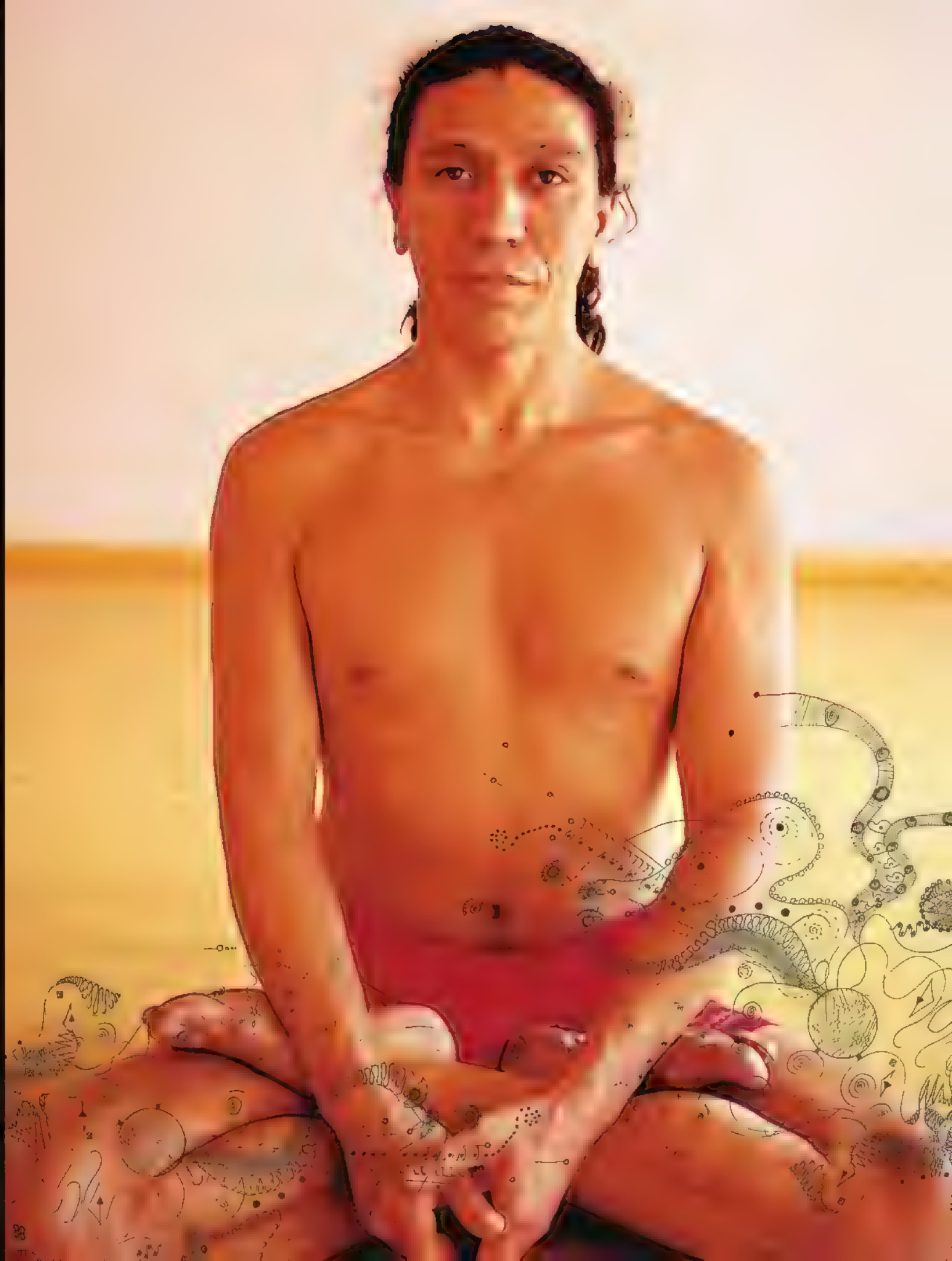


DEMOLIDOR DE ILUSÕES

ESTE SUJEITO COM PINTA DE ÍNDIO NASCEU NO INTERIOR DE SÃO PAULO E É HOJE UM DOS MESTRES DE IOGA MAIS RESPEITADOS DO PAÍS. APESAR DISSO, VOCÊ NÃO VAI LER NAS PRÓXIMAS PÁGINAS UM DISCURSO RECHEADO DE PALAVRAS EM SÂNSCRITO. PARA CRISTOVÃO DE OLIVEIRA, IOGA NÃO LEVA À TRANSCENDÊNCIA ESPIRITUAL NEM TRANSFORMA A VIDA DE NINGUÉM COMO VARINHA DE CONDÃO

por Renata Leão retrato: Bob Wolfenson fotos ilustrativas: Deco Curry

PERFIL



Ao chegar na casa de Cristovão de Oliveira numa manhã de sábado, ganho um abraço daqueles que estalam costas e pescoço. Mesmo sem nunca ter me visto, o dono do casarão confortável na Serra da Cantareira – oásis verde que circunda a zona norte de São Paulo – me recebe dessa maneira intensa. É assim que essa figura de 1,73 m de altura cumprimenta todo mundo: da faxineira à própria mãe. Em seguida, sentamos numa mesa sob a qual repousavam chá e pão caseiro, e ele manda: "Cê tá mal, hein, filhinha! Toda dura, tensa que só, sem energia". Realmente. Vinha de algumas noites maldormidas e carregava vestígios de uma gripe.

O diagnóstico preciso não é fruto de magia nem adivinhação: vem de 22 anos de trabalho e estudo, um deles vivido na Índia. Além de ser um dos precursores do ashtanga vinyasa ioga no Brasil, Cristovão é terapeuta corporal e utiliza os conhecimentos da medicina ayurvédica (ciência milenar indiana) para aplicar uma massagem com fins terapêuticos. É por isso que ele, só de observar sua postura, cor do lábio, brilho dos olhos e jeito de falar, consegue apurar seu estado físico e emocional.

Enquanto tento me recompor do abraço de urso e do diagnóstico-porrada, ele toma as rédeas: "Você disse que queria fazer uma matéria que abordasse espiritualidade, mas ioga não tem nada de espiritual", começa. "Na prática, a pessoa vai lá, faz as posturas, respira e sente. O que tem de espiritual nisso?" Eu achava, como quase todo mundo, que a técnica desenvolvida na Índia há 5 000 anos estava ligada à transcendência espiritual. Cristovão explica que não é bem assim.

Mas então por que as pessoas saem da aula de ioga se sentindo tão bem? Isso não tem a ver com o espírito?
Não, lindinha. É mais simples. Quando você faz os asanas *[aquelas posturas da ioga]*, massageia as glândulas, e isso estimula a produção de hormônios. Você respira, alonga, e o corpo ganha espaço para absorver esses hormônios. É daí que vem a sensação de prazer parecida com a que os chocólatras sentem quando mordem um brigadeiro. Por isso costumo dizer que a ioga é um chocolatinho saudável.

Então é por causa desse bem-estar que todo mundo faz ioga? Ou será que é por que a prática virou moda?
A expectativa com que as pessoas chegam à escola é monstruosa. Elas acham que a vida vai mudar, que vão encontrar uma varinha de condão. E não é nada disso. A prática te ajuda a ficar mais concentrado e prestar mais atenção em você. Mas não faz milagre. Tem gente que faz ioga para relaxar ou malhar. No conceito oriental isso é inaceitável, mas para os ocidentais é uma porta de entrada. Tudo bem, algum proveito vai ter.

O terapeuta sabe o que fala. Além de praticar ioga há mais de dez anos, passou um ano e quatro meses na Índia. Foi lá que conheceu a ashtanga vinyasa ioga. Mais: teve aula com o papa da modalidade, Sri Krishna Pattabhi Jois, indiano de 89 anos que comanda o Ashtanga Yoga Research Institute, em Mysore, no sul da Índia. Em 1998, dois anos depois de ter voltado para o Brasil, abriu o Centro Vidya. Por lá já passaram mais de 800 alunos. Dez instrutores formados por Cristovão dão aulas de ioga em três unidades espalhadas pela cidade. Na mais antiga, no bairro do Paraíso, funciona também sua clínica de massagem. Cinco terapeutas ajudam a dar conta dos clientes. Cristovão tem a agenda lotada e a fila de espera tem mais de 80 nomes. Por suas mãos já passaram Luciana Gimenez, Fernanda Lima, Pedro Paulo Diniz, o filósofo Mario Sergio Cortella e gente normal, como eu, que acabei virando cliente depois da porrada que ouvi quando fui fazer esta entrevista.

As massagens de Cristovão são famosas por causarem muita dor na primeira sessão. É quando ele identifica e começa a desatar os nós que se formam no corpo ao longo da vida. "Os maus hábitos criam nódulos. Meu trabalho é desenrolar isso, romper a couraça. Na primeira sessão, o objetivo não é fazer com que o cliente se sinta bem. Antes ele precisa sentir os maus comportamentos para, depois, melhorar."

Sem pose

Cristovão dá aulas para a elite paulistana, leva uma vida confortável, mas nada disso mudou o jeito simples de menino nascido no interior. Explica tudo com uma linguagem fácil, dando risada, com zero de arrogância. O interior dele é Penápolis, cidade a 480 quilômetros de São Paulo, onde nasceu 39 anos atrás. Acostumado a uma vida sem regalias, se mudou com a família para o ABC quando tinha 5 anos. Seu pai ganhava a vida dirigindo caminhões, e a mãe cuidava da casa e dos seis filhos.

Assim como os outros irmãos, Cristovão, o caçula, sempre estudou em escola pública. Fez curso técnico no Senai e, aos 16 anos, formou-se ajustador mecânico. Conseguiu emprego numa empresa de informática e fez carreira na área. "Era uma época em que a informática estava bombando. Ganhava o equivalente a R$ 8 mil, mas tinha mês em que triplicava meu salário por causa das horas extras."

Mesmo bem de vida, Cristovão achava que devia experimentar ou-

Material protegido por direitos autorais

Em sentido horário, no ashram em Katmandu onde se tornou monge, Cristovão pratica karma ioga limpando fossas; em momento gilete, pouco antes de ficar careca, como na foto ao lado; em cerimônia de iniciação; abraço de urso nos filhotes Jenifer e Cristian; com a esposa, Adriana; e praticando ashtanga, seu "chocolatinho saudável"

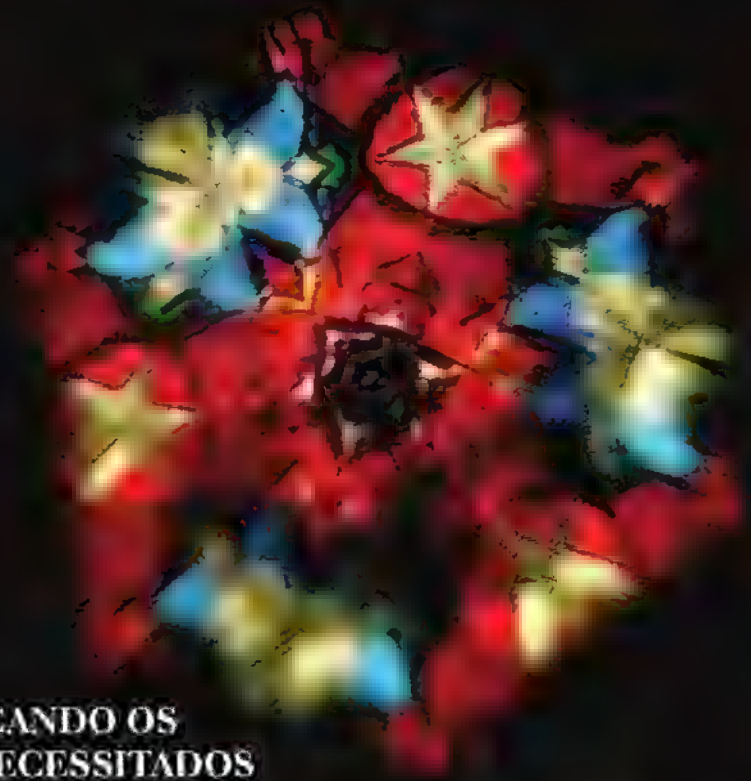
OS SOBREVIVENTES

DUAS PESSOAS QUE PASSARAM QUATRO DIAS MUDAS NUM RETIRO ORGANIZADO POR CRISTOVÃO CONTAM O QUE TROUXERAM DE BOM

Além do ashtanga vinyasa ioga e das massagens, vez ou outra Cristovão reúne seus pupilos em retiros para provar um pouco do que ele viveu quando passou quatro meses num ashram (espécie de centro de estudos indianos) em Katmandu, no Nepal. No feriado de 7 de setembro, 32 pessoas passaram quatro dias sem poder falar nada, confinadas num sítio em Cotia. A rotina é puxada, acorda-se às 4h30 para fazer krias – limpezas orgânicas de gengiva, ouvidos, nariz, garganta e estômago (é isso mesmo que você está pensando, com direito a vômito e catarrada). Às 6h, todos se dirigem a uma sala e ficam uma hora meditando. Depois praticam ashtanga vinyasa ioga por duas horas. À tarde, repetem essa rotina (com exceção das limpezas, que devem ser feitas em jejum). Pra terminar, sopinha e cama. O silêncio é rompido apenas uma vez no dia quando, após o almoço, Cristovao responde às dúvidas do grupo. Na vivência do 7 de setembro, só um dos 32 participantes desistiu. No segundo dia, deixou um bilhete dizendo que não estava preparado e voltou para casa. A seguir, o relato de dois "sobreviventes"

"Depois de anos em academia, senti que precisava unir corpo, mente e espírito. Conheci a ioga em janeiro de 2002. Ano passado, comecei a fazer massagem com o Cristovão, e a vivência foi uma conseqüência. Assim como a primeira massagem, esse feriado em Cotia foi a pior e a melhor coisa que já fiz na vida. No primeiro dia, achei que não fosse conseguir. Tive todas as dificuldades possíveis. Não conseguia enfiar o cateter no nariz, muito menos puxar pela boca. A água entrava por uma narina e não saía pela outra. Detesto vomitar. Fiquei com aqueles turros de vômito na minha cabeça o dia todo e a última coisa que pensei antes de dormir foi: 'Não acredito que amanhã vou fazer tudo aquilo de novo'. No segundo dia, ultrapassei meus limites e quebrei barreiras. A partir daí, resolvi não fugir mais de mim mesma. Parei de ler, de ouvir música, de prestar atenção nos movimentos alheios, me contentei comigo mesma. Percebi meus movimentos, pensamentos, dúvidas e necessidades. Voltei mais introspectiva, pensando e sentindo mais, falando menos. Mais dona da minha vida." (Vanessa de Cássia Marnoto, 27, cantora e produtora)

"Sempre fiz muito esporte: musculação, corrida. Comecei com a ioga há dois anos e meio, e gostei de cara por causa do alongamento. Depois de um tempo é que começaram a clicar outras coisas. Sempre chegava lá estressado depois do trabalho e saía superbem. Pouco depois, passei a fazer as massagens do Cristovao. Você olha pra ele e não dá nada, mas começa a conversar, e ele se torna atraente, seguro de si, íntegro. Sabia que a massagem doía, mas imaginei uma dor normal. Nunca me arrependi tanto como quando entrei na salinha. Queria matar o Cristovão, foi uma briga. Nunca tinha feito nada que mexesse tanto comigo. Liberou um monte de coisas que estavam entranhadas. A massagem pra mim é terapia. E o mais legal da vivência foi ficar comigo mesmo. Nunca tinha ficado tanto tempo só comigo." (Pedro Paulo Diniz, 34, empresário e ex-piloto de F-1)



"VOU IDENTIFICANDO OS PONTOS MAIS NECESSITADOS DE CUIDADO E, ATRAVÉS DO TOQUE, DESFAÇO BLOQUEIOS PARA QUE O SANGUE CIRCULE COM MAIS INTENSIDADE"

tras coisas. Fazia massagem por hobby e decidiu se aprofundar no assunto, matriculando-se em todos os cursos que apareciam. "Sempre tive curiosidade com o corpo, o meu e o dos outros. Adorava pegar nas pessoas e resolvi aprender a pegar direito." Nessa época, praticava ioga sozinho em casa, copiando as posturas do livro *A Luz do Ioga*, de B.K.S. Iyengar, "o melhor livro de ioga que existe" na opinião de Cristovão. "Minha porta de entrada para tudo que vivo hoje foi a massagem. O ioga era só um prazer. E continua sendo."

Foram nove anos de vida dupla entre chips e asanas, até decidir largar a informática de vez. A dona da escola de ioga que ele freqüentava em São Bernardo ficou sabendo de seus dotes massagísticos e lhe pediu uns apertos. Gostou tanto que ofereceu a ele um espaço para atender. "Nessa época, fazia uma miscelânea de técnicas de acordo com o que a pessoa estava precisando", lembra.

Apolos e afrodites suando

Em dezembro de 1994, depois de dois anos fazendo massagem em São Bernardo, Cristovão resolveu, mais uma vez, seguir seus instintos. Partiu para a Índia e mergulhou nos estudos. "Meus clientes estavam exigindo muito de mim. E só dá para trabalhar no outro o que você já trabalhou em você. Como tinha a pretensão de trabalhar com qualquer um, precisava ralar forte e me conhecer melhor." Sem falar uma palavra de inglês, procurou uma excursão turística e embarcou para Nova Déli. Passou 30 dias conhecendo o país de trem e, depois disso, matriculou-se num curso de ioga em um ashram perto de Katmandu, no Nepal. No fim do curso, foi convidado a continuar lá, dessa vez estudando com o corpo docente.

Nos três meses que passou praticando ioga com os mestres, Cristovão não podia dirigir a palavra a ninguém. Fazia oito horas de exercícios respiratórios por dia, mais quatro de ioga e outras três de meditação. Nesse ritmo, só dormia duas horas por dia. "As pessoas entravam em pânico, choravam de se jogar no chão. Para mim não foi tão difícil porque sou disciplinado por natureza. Sou capricorniano: se era para fazer, fazia. Meu segredo era não ficar resistindo à dor", explica.

Depois dessa experiência, Cristovão decidiu passar um tempo num ashram médico numa fazenda em Bangalore, onde os jovens doutores do sul da Índia vão para se aprimorar. A habilidade cultivada no Brasil em 12 anos de massagem terapêutica fez com que Cristovão se saísse bem mesmo frente aos locais. Por isso, recebeu três convites para trabalhar em hospitais indianos, mas quis voltar para casa por causa da saudade.

Antes de pegar o avião, entretanto, foi conhecer o tal centro de ashtanga em Mysore. Passou dois meses fazendo aula com o mestre Sri Pattabi Jois e se encantou com a técnica. "Me apaixonei por um motivo nada de espiritual: vi um monte de gente linda, apolos e afrodites, suando e respirando intensamente. E pensei: 'Nossa, se isso é ioga, é por aí que quero ir'." De volta ao Brasil em meados de 1995, voltou a aplicar massagens. Só começou a dar aulas de ioga dois anos depois, por insistência das pessoas que o viam praticando ashtanga e queriam aprender.

Desatando nós

Mudanças profundas costumam acontecer na vida dos "filhos", como ele chama seus clientes. É que ele vai apertando "botões" e identificando maus comportamentos. Com o tempo, as pessoas costumam mudar a alimentação. Também param de fumar e de beber. Isso sem que Cristovão faça qualquer discurso sobre o assunto. "O que acontece é uma rejeição orgânica de comportamentos que não são saudáveis. Vou identificando os pontos mais necessitados de cuidado e, através do toque, desfaço bloqueios para que o sangue circule com mais intensidade."

Até drogas os mais atiradinhos deixam de lado. Eu adorava uma cervejinha e comia carne vermelha direto. Hoje, o cheiro de cerveja me causa enjôo e não consigo entrar numa churrascaria. Em compensação, parei de sentir dor de cabeça e ando muito mais disposta.

Não tanto quanto Cristovão, que acorda às 5h30 e sai meia hora depois da casa na Cantareira, a bordo de um Mitsubishi L200, para atender o primeiro cliente às 7h15. Pergunto se ele não tem medo de fazer algum diagnóstico errado, mas sou surpreendida de novo: "Não tenho medo de errar, pois não tenho pretensão alguma de acertar. Às vezes me perguntam: 'Quem disse que você está certo?'. E eu respondo: 'Alguma vez disse que estava?'"

Material protegido por direitos autorais

MANDI

ROUPA PARA HOMEM

R. SABUJI

Sh HIGIENÓPOLIS

Sh IGUATEMI

DASLU

www.mandi.net Coleção Verão 2005 [illegible] 5983

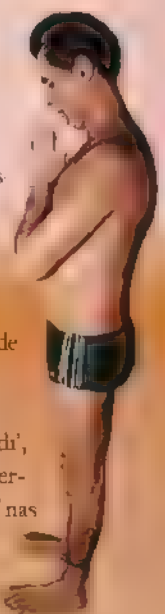
O CÉTICO E O CRENTE

MARIO SERGIO CORTELLA, FILÓSOFO, EX-SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO, DE FORMAÇÃO COMPLETAMENTE CARTESIANA, E ARTHUR VEISSMANN, REPÓRTER ESPECIAL DA *TRIP*, BUDISTA E HINDUÍSTA, JÁ FOI 14 VEZES PARA A ÍNDIA

QUASE OPOSTOS, OS DOIS SE ENTREGAM ÀS MÃOS DE CRISTOVÃO

"Sou da área de filosofia e tenho uma formação completamente racional. Minha esposa freqüentava o Cristovão há uns bons anos e, apesar de enxergar nela uma melhora física e emocional, não me convencia a ir até ele porque achava que minha racionalidade era suficiente para cuidar da minha saúde. Em dezembro de 2000 fiquei doente e descobriram que eu tinha uma patologia congênita que fazia meu batimento cardíaco ficar lento. Fui internado, senti uma fragilidade imensa e, nessa hora, topei ir à tal massagem. O Cristovão me abraçou daquele jeito forte, mandou eu tirar a roupa e começou uma sessão que defini como sendo "a dor de Deus", aquela dor que você percebe que está rompendo todas as ligações com qualquer coisa maléfica. Isso não tem nenhuma natureza mágica. Apenas sentia que, a cada ponto que ele tocava, o sangue corria de outra maneira. Além disso, o Cristovão detectou coisas que os médicos não tinham pego nos exames, como gordura no fígado, fluxo de oxigênio na coluna cervical ruim e até uma hepatite que tinha tido anos atrás. Uma das coisas que mais me encantou é que ele deixou claro que aquilo não era substitutivo à medicina e sim uma outra maneira de tratar o que precisava ser tratado. Ele nunca assumiu uma postura messiânica, de salvador. Se você me perguntar se mudou minha maneira de olhar o Oriente e entender o hinduísmo, te digo que não. Continuo cartesiano, mas acredito em eficácia."

Mario Sergio Cortella



"Sempre trago na cabeça as sábias palavras do incrível Gampopa (1079-1153): 'Mantenha a consciência constantemente alerta ao andar, sentar, comer, dormir e em todos os outros atos. Evite esconder as próprias faltas e falar dos defeitos dos outros'. Percorri diversos atalhos e práticas complicadas até o dia em que me deparei com o fascinante e austero caminho da ioga. Há cerca de três anos, desesperado para desintoxicar meu corpo e espírito, caí de pára-quedas no Centro Vidya, onde conheci a prática do ashtanga vinyasa ioga e o meu 'gurudi', Cristovão de Oliveira. Entre idas e vindas, continuei perseverante e determinado em desenvolver a técnica e caí nas graças da terapia do santo Cristovão. Recentemente, pude amadurecer minha experiência numa vivência de quatro dias organizada por ele. Do fundo da minha alma e das entranhas do meu corpo, foi a experiência de que necessitava. Minha integridade e amor próprio foram restaurados nesse período atemporal. Percebi diversas camadas de beleza e podridão do meu ego. Conviver com aquela mandala de pessoas especiais me fez reavaliar a insensatez e as futilidades que carrego diariamente no mundo de maya (ilusão). Posso dizer do mais recôndito do meu código genético que reaprendi mecanismos adormecidos do meu ser. Ao final, trocamos nossas experiências e percebemos como é bom ficar quietinho. O que tenho a dizer: minha vida desde o terremoto em Cotia ficou marcada feito tatuagem."

Arthur Veissmann

Vá lá: *Pr[illegible] mais sobre ashtanga. Em São Paulo www.centrovidya.com.br No R[illegible]ro www.astangaspirit.com; Na Índia www.ayri.org*

misssixty.com
MISS SIXTY
Rua Oscar Freire, 1035 - São Paulo
Shopping Páteo Higienópolis - Piso Veiga Filho : : São Paulo
Park Shopping - Nivel Térreo : : Brasília
Show Room 11 3060 9660

CHEGOU TELEMIG CELULAR MIX. PRODUTOS QUE
FUNCIONAM PORQUE COMBINAM COM VOCÊ.

A Telemig Celular está lançando uma linha de produtos funcionais, criados especialmente para quem vive plugada como você. São roupas e acessórios supermodernos que só a Telemig Celular podia desenvolver. Visite a loja Telemig Celular Savassi e conheça também os novos produtos tecnológicos e a parceria Telemig Celular/SWATCH. Ou acesse www.telemigcelular.com.br

comVocê

Praia de Paulista

Na falta de **areia e mar, São Paulo tem azulejo e piscina**. Aqui, seis mulheres bacanas vestem as roupas que gostariam de usar neste verão e posam nas dependências de seus clubes. Porque toda paulistana tem um

fotos Tuca Reinés estilo Nanda Sansone e Veronica Campos

CLUBE ATLÉTICO SÃO PAULO, (CLUBE INGLÊS)
Fundado em 1888 por um grupo de ingleses que participou da construção da ferrovia "São Paulo Railway", que ligava Santos a Jundiaí.
Valor do título R$ 3 000, além da taxa de admissão, também de R$ 3 000
Mensalidade R$ 299 (individual) e R$ 590 (familia)
Para fazer parte é preciso ser apresentado por dois sócios e ser entrevistado por um diretor.
Quem freqüenta famílias, jornalistas, americanos, argentinos, canadenses e europeus
Vá Lá: *Rua Visconde de Ouro Preto, 129. Consolação. São Paulo (www.clubeingles.com.br)*

Mônica Waldvogel, 48, jornalista
Vem sempre aqui? Há três anos, nos fins de semana **Faz o quê?** Sauna, massagens, drenagem linfática e esteira, para tirar o atraso e ficar em forma No verão, prefiro a piscina **Melhor** É tranqüilo e dá para encontrar os amigos no pub, que tem cara de antiguinho e onde rola uma happy hour simpática às sextas-feiras. **Pior** Ele precisa de uma maquiagem para ficar mais bonitinho

Vestido **If** R$ 689,92; sandália **Lenny** R$ 298; chapéu **Accessorize** R$ 70 e anel acervo pessoal **Marcos Sabino**

CLUB ATHLETICO PAULISTANO

Fundado em 1900 por jovens que queriam criar um autêntico clube brasileiro.
Valor do título R$ 3 000, além da taxa de admissão, de R$ 100 mil (paga em até 10 vezes).
Mensalidade R$ 182,10 (individual) e R$ 303,50 (familiar)
Para fazer parte é preciso conhecer sete sócios e ser aprovado pela diretoria
Quem freqüenta executivos, esportistas e camilinhas.
Vá Lá: Rua Colômbia, 77, Jardim América, São Paulo (www.clubpaulistano.com.br)

Helena Lopes de Oliveira, 26, empresária

Vem sempre aqui? Meus pais já eram sócios quando nasci, e o clube faz parte da minha vida. Hoje venho duas vezes por semana
Faz o quê? Nado, jogo squash e tênis. **Melhor** É espaçoso e tem mil cursos, de tai chi chuan a história da arte
Pior As piscinas semi-olímpica e olímpica são descobertas. No frio e na chuva não dá para entrar

Bermuda **Pelu**: R$ 184; camiseta **Flor**: R$ 98; bolsa **Giovana Hasler**: R$ 12 e alpargata **IF**: R$ 150

CLUBE PAINEIRAS DO MORUMBY
Fundado em 1960 pelo empresário Detlof von Oertzen.
Valor do título R$ 8 500 e não tem taxa de admissão.
Mensalidade R$ 327,25 (individual ou família).
Para fazer parte é preciso ser apresentado por dois associados e esperar o parecer da comissão de sindicância e da diretoria.
Quem freqüenta gente fina e discreta.
Vá Lá: *Avenida Dr. Alberto Penteado, 605, Morumbi, São Paulo (www.clubepaineiras.com.br).*

Cristina Giavina-Bianchi, 25, advogada
Vem sempre aqui? Desde os 4 anos. Hoje frequento duas vezes por semana. **Faz o quê?** Joga e vou ao cabeleireiro. **Melhor** Tem muito verde e é tranquilo por ser afastado da movimentação da cidade. **Pior** Nos fins de semana, o estacionamento fica lotado e a fila de espera chega a 20 minutos. Lá dentro, fica difícil encontrar um lugar na piscina para tomar sol.

Top **Cecília Echenique:** R$ 110; maxissaia **Raia De Goeye:** R$ 202 e sandália **Schutz:** R$ 130

YACHT CLUB SANTO AMARO
Fundado em 1930 por uma turma de alemães que morava nas margens da Guarapiranga.
Valor do título R$ 1 500, a ém da taxa de admissão, de R$ 3 000.
Mensalidade R$ 184,54 (ind vidual) e R$ 218 (famí a).
Para fazer parte é preciso preencher um formu ário na secretaria do clube e ser entre- v'stado por uma banca de d retores.
Quem freqüenta esport stas, sobretudo velejadores.
Vá Lá: *Rua Edson Régis, 481, Jardim Guarapiranga, São Paulo (www.ycsa.com.br)*

Isabel Barvaghi Ficker, 21, velejadora
Vem sempre aqui? Sou sócia desde que nasci. Mas agora venho só nos fins de semana **Faz o quê?** Tre.no na represa e jogo tênis.
Melhor Há uma estrutura completa para o iatismo, o que é raro em outros clubes. **Pior** Não tem aparelhos de academia

Regata **Isabela Capeto:** R$ 161; short **Francesca Giobbi:** R$ 207; chapéu **New Order:** R$ 77; sandália **Osklen:** R$97; pingente de cristal de Nossa Senhora com prata **Bibiana Paranhos by Bibi Crystal:** R$ 190 e pingente de cristal liso com prata **Bibiana Paranhos by Bibi Crystal:** R$ 580

ESPORTE CLUBE PINHEIROS
Fundado em 1899 pe o a emão e fanát'co por futebo Hans Nobiling.
Valor do título de R$ 700 (transferência para parentes próximos) a R$ 15 m (novos sócios). Não tem taxa de admissão
Mensalidade R$ 167 por pessoa (cr anças e adolescentes têm desconto)
Para fazer parte é preciso comprar o t'tu o de alguém que não quer mais ser sóc o ou esperar a venda por edita , que ocorre entre uma ou duas vezes por ano.
Quem freqüenta esport stas. gente f na desencanada, execut vos e políticos.
Vá Lá: *Rua Angelina Maffe Vita, 493, Jardim Europa, São Paulo (www.pinheiros.org.br)*

Juliana de Bartolo Chagas, 32, artista plástica
Vem sempre aqui? Há 32 anos. Ho¸e frequento todos os dias porque minha filha estuda na escol nha do c ube
Faz o quê? Cam nhada, natação e tomo sorvete com as amigas. **Melhor** é perfeito para fazer qualquer moda idade de esporte, e os ¸ardins são lindos. **Pior** A salada da lanchonete do tên s não é em sempre fresca. É imprev sível

Vestido **Adriana Barra**: R$ 653, sandália **Vide Bula**: R$ 184 e bolsa **Accessorize**: R$ 140

CLUBE ESPERIA
Fundado em 1899 por imigrantes italianos que praticavam remo.
Valor do título R$ 1 800 (individual) e R$ 3 600 (familiar).
Mensalidade R$ 109 (individual) e 187 (familiar).
Para fazer parte é preciso que sua ficha cadastral seja aprovada.
Quem freqüenta esportistas e famílias.
Vá Lá: Avenida Santos Dumont, 1313, Santana, São Paulo (www.esperia.com.br)

Milly Barranco, 24, publicitária
Vem sempre aqui? Sou sócia há oito anos e freqüento três vezes por semana. **Faz o quê?** Musculação e ginástica regularmente, mas de vez em quando vou à sauna e almoço com a família aos domingos. **Melhor** É muito arborizado e ótimo para relaxar, além dos inúmeros cursos disponíveis. **Pior** O estacionamento deveria ser maior.

Regata **FIT**: R$ 92; minissaia **Opera Rock**: R$ 154 e sapatilha **Acessorize**: R$ 110

Vá Lá: Acessorize *(11) 3812 6110;* ***Adriana Barra*** *(11) 3064 3691;* ***Bibiana Paranhos by Bibi Crystal*** *(11) 3079 2696;* ***Cecília Echenique*** *(11) 3082 5294;* ***FIT*** *(11) 3031 3608;* ***Flor*** *(11) 3817 4779;* ***Francesca Giobbi*** *(11) 3062 8205;* ***Giovana Hasler*** *(11) 3819 8601;* ***IF*** *(11) 3812 9009;* ***Isabela Capeto*** *(21) 2249 9493;* ***Lanny*** *(11) 3034 0315;* ***New Order*** *(11) 3814 7510;* ***Opera Rock*** *(11) 5189 4700;* ***Osklen*** *(11) 3815 9100;* ***Pelu*** *(11) 3891 1229;* ***Raia De Gaeye*** *(11) 3079 3301;* ***Schutz*** *(11) 3086 1264 e* ***Vide Bula*** *(11) 3167 7787*

Assistente de fotografia **Gui Morelli** Beleza **Omar Berges e Paulo Filatier** (Narvaes Consultoria com produtos Trucco e Sebastian) Camareira **Cida Sousa** Produção **Regina Trama**

Badulaque

Edição e reportagem: **Nina Lemos**

1. O MENINO MALUQUINHO CRESCEU **2.** CAFONICES INFANTIS **3.** QUEBRE AS REGRAS
4. AMOR NÃO SE APRENDE NA ESCOLA **5.** A NÃO ENTREVISTA DO MÊS **6.** SOCIOLOGIA MOTHERNA **7.** O VERDADEIRO GAROTO SENSÍVEL
8. CELULAR AMIGO **9.** A CULPA É DO ESCRAVO **10.** CRIANÇAS METROSSEXUAIS

Descobertas

O menino maluquinho cresceu!

EM MAIS UM ESFORÇO DE REPORTAGEM, A *TPM* DESCOBRIU A CARA, A PROFISSÃO E TUDO O MAIS SOBRE O MENINO MALUQUINHO, ELE MESMO, O FILHO DE ZIRALDO QUE INSPIROU UM DOS LIVROS INFANTIS MAIS LEGAIS DE TODOS OS TEMPOS. UM PRESENTE NOSSO PARA VOCÊS NO DIA DAS CRIANÇAS

Se você leu o *Menino Maluquinho*, do Ziraldo, deve lembrar do final. "A única coisa que o menino maluquinho não conseguiu segurar foi o tempo. E o menino maluquinho cresceu. Cresceu e virou o cara mais legal do mundo." Bem, o rótulo de cara mais legal do mundo, Antonio Pinto, 37 anos, rejeita. Ele vai logo dizendo: "Escreve aí que o menino maluquinho virou um cara doidão". O cara doidão é hoje o principal autor de trilhas sonoras do cinema brasileiro. São de autoria de e as trilhas de *Central do Brasil*, *Cidade de Deus* e *Diários de Motocicleta*, só para citar alguns.

O menino maluquinho, quem diria, freqüenta até a festa do Oscar. E ajudou a compor a trilha sonora de *Colateral*, o novo filme de Tom Cruise. "Isso é uma coisa muito louca, a verdadeira loucura", ele diz, confirmando o jeito "cara doidão" de ser. Antonio hoje diz estar em paz com o personagem. Mas houve uma época em que ficava com o saco cheio de ser apontado como menino maluquinho. Apesar disso, ele confirma que, sim, era bem parecido com o empesteado personagem do livro. "Eu era um horror, repetia o ano, andava com os piores alunos da turma, os mais bagunceiros. Só que eles prestavam atenção na aula e passavam de ano. Eu não fazia uma coisa nem outra." Antonio prefere não contar quantas vezes levou bomba. Mas emenda contando que vivia andando pelos muros e telhados da Urca, um bairro superbucólico do Rio de Janeiro, onde morava quando era criança. No melhor estilo do personagem do livro.

O menino maluquinho é pai de Manoela, de 4 anos, e de Joaquim, de 5 meses. E já decidiu quem é o verdadeiro maluquinho da parada: "O Joaquim é pequeno, mas já é uma bala de canhão". Tudo bem... Um dia ele também vai crescer. E, provavelmente, virar um cara doidão. Mas, se for pra ser doidão e talentoso como Antonio, a gente vai achar ótimo.

Da esq. para a dir., o famoso desenho do Ziraldo; Antônio criança; e hoje, aos 37 anos: um cara doidão

Memórias

Cafonices infantis

COMO TODA CRIANÇA É MEIO CAFONA, DECIDIMOS LIBERAR AS COISAS MAIS BREGAS QUE JÁ FIZEMOS QUANDO ÉRAMOS PEQUENAS. CONVIDAMOS TAMBÉM AMIGOS DA *TPM* PARA EXORCIZAR OS MICOS DA INFÂNCIA

"Tenho uma foto onde estou embrulhado em um terninho da grife Cashambeque, do Roberto Carlos. Minha tia Vera, segurando minha mão, usa uma espécie de ratazana enrolada no pescoço... Ela diz que era uma estola, mas tenho certeza de que se tratava de uma ratazana. Eu devia ter uns 4 ou 5 anos, e ela uns 11", **Paulo Lima**, 42, editor da *Trip* e da ***Tpm***

"Na minha festa de formatura da oitava série, usei um vestido do Marquito mas não sei porque coloquei uma meia em cima da outra e ainda coloquei uma correntinha dourada sobre elas. Agora, o que eu não me conformo: como não me proibiam de sair na rua com esse cabelo", **Marina Person**, 34, VJ da MTV

"Usava polainas e tinha o disco das Patotinhas. Mas tinha bode de mim! Além disso, fiz um book infantil daqueles de candidata a minimodelo para uma agência chamada Pequeno Gênio. Também fui pedir autógrafo para a Marília Alcina, naquela fase careca dela! Medo!", **Jéssica DeSilva**, 28, editora convidada da ***Tpm***

"Uma grande cafonice da minha infância foi ter me apaixonado pelo Menudo (principalmente pelo Ricky). Ah, e cortei meu cabelo com uma franja de deixar o Xororó morrendo de inveja!", **Camila Pitanga**, 27, atriz

"Eu quis ser paquita da Xuxa, não rolou, então fui ser assistente de palco da Simony, no SBT. Usava um collant verde com barbatanas roxas e fazia várias coreografias... Também já fiz plantão na porta do cabeleireiro Jassa para falar com o Silvio Santos. E consegui. Foi surreal", **Dani Mel**, 30, apresentadora do *Armazém 41* do GNT

"Com 11 anos, cortei o cabelo igual ao da Tina Pepper da novela *Cambalacho*. Depois, amarrava uma parte com chuquinha, pro cabelo armar mais ainda. Usava um monte de munhequeiras igual à Cindy Lauper e pulseiras de plástico preto iguais às da Madonna. Uma salada!", **Eva Uviedo**, 31, diretora de arte dos sites da *Trip* e da ***Tpm***

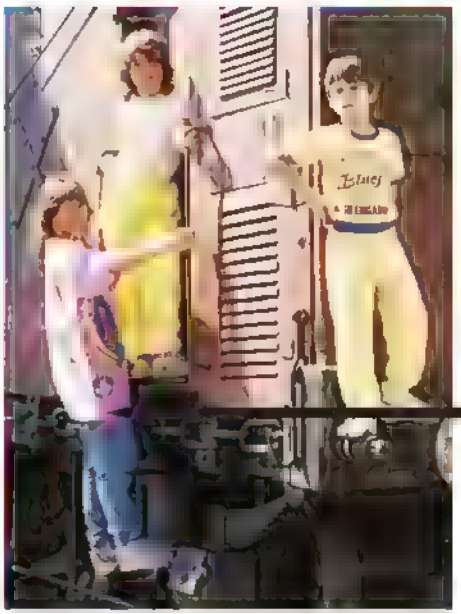
"Quando tinha 9 anos, infernizei minha avó para ganhar uma bota branca na altura dos joelhos, igual à das paquitas. No dia em que recebi o presente, quis dormir com elas de tão feliz. Ia para a escola de saia e com as malditas botas... Também participei de um concurso de Viúvas Porcinas", **Renata Leão**, 25, repórter da *Trip* e da ***Tpm***

"Fui ao programa *Pullman Junior* para dublar uma música (internacional, porque eu já era luxuosa). Só que, quando eu cheguei lá, morri de vergonha e de medo da Tia Iara, que durante os comerciais era supermaquiada e tratava as crianças meio mal...", **Claudia Lima**, 34, redatora chefe das revistas Go! e da AmBev

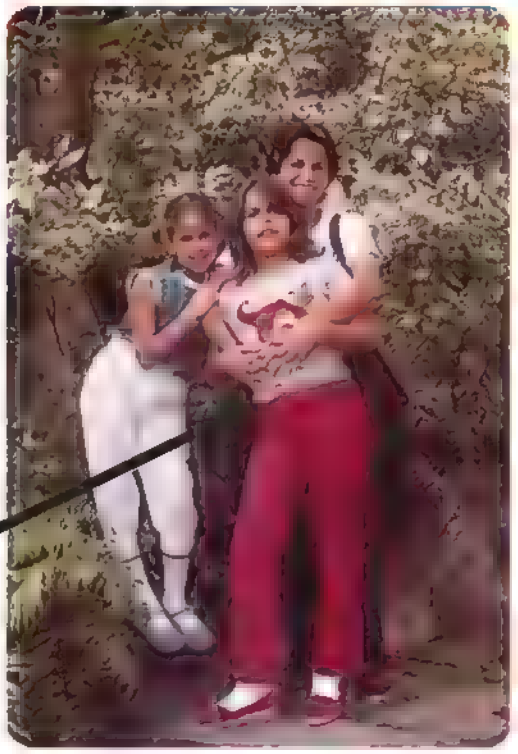
"Eu tive cabelo mullet, usava camisetão da Yes Brasil com legging e, vendo as fotos guardadas pela minha mãe, descobri o pior: eu usava pochete, mais que isso, uma pochete especial para guardar óculos escuros. Claro, também usava relógio Champion, aquele que você trocava a pulseira para combinar com a roupa. Minha prima Dani adotava o mesmo look. A gente era um desastre fashion completo", **Nina Lemos**, 33, repórter especial da ***Tpm***

"Eu usava sapato plataforma para homem e fui ver o show da Tina Charles (aquele do 'I love to love') no *Chacrinha*. Usava também cabelo reco" **André Fischer**, 39, diretor do festival de cinema Mix Brasil

"Minha maior cafonice foi na adolescência, quando vivi minha fase Guns'n'Roses. Eu era fã da banda e por isso frisava o cabelo e descoloria com blondor" **Zed Nesti**, 34, hoje pessoa normal que ilustra a ***Tpm***



"Houve uma época na qual eu usava cabelo Chitão e o clássico camisetão estampado para fora da calça. O que me consola é ver meus coleguinhas", **Anita Castanheira**, 24, coordenadora de produção da ***Tpm***



"Eu e minha irmã um ano mais nova adorávamos usar polainas e faixa de tecido na cintura. Também já coloquei um anúncio de Dia dos Pais no jornal, fui ao *Chacrinha* e um dos meus melhores amigos no ginásio virou paquito", **Daniela Falcão**, 33, diretora de redação da *Trip* e da ***Tpm***

3

Queimando o livro

Quebre as regras!

MULHERES MALUCAS QUE INVENTARAM AS REGRAS PARA ARRUMAR UM NAMORADO AGORA LANÇAM LIVRO COM DICAS PARA QUEM QUER MANTER UM CASAMENTO A TODO CUSTO. BREAK UP THE RULES!

reprodução

O livro *As Regras do Casamento* dá medo. As mesmas mulheres (dá vergonha) que escreveram o best-seller *As 35 Regras para Conquistar o Homem Perfeito* decidiram ganhar um dinheirinho a mais e enganar mais gente com *As Regras do Casamento*. Trata-se de um manual de subserviência para que o seu casamento dure e você seja (in) feliz para sempre. No primeiro livro de asneiras, as malucas Ellen Fein e Sherrie Schneider dão dicas do estilo "só encontre o seu namorado três vezes por semana" para que mulheres encalhadas alcancem o prêmio máximo – que é um marido. Agora, elas voltam à tona e ensinam a manter esse marido com dicas dos tempos das cavernas (ok, no tempo das cavernas as pessoas deviam ser mais modernas). Selecionamos algumas pérolas que são de chorar de rir. Pena que o livro não tem a pretensão de ser comédia.

REGRA 8: APÓIE SEU MARIDO. "Se o time de ele perder, mostre-se solidária, ainda que não esteja nem aí para isso."

REGRA 13: NÃO ESPERE MUITA SOLIDARIEDADE DO SEU MARIDO. Elas explicam que homem é assim mesmo, não vai te ajudar em nada se você ficar doente. Você que aceite isso sem reclamar. Mas calma que ainda nem falamos da nossa regra mais odiada. Prepare-se

REGRA 29: COMO SE COMPORTAR NA CAMA. "Quando o assunto é sexo no casamento, são os homens que ditam as normas. Quer você goste ou não, considere certo ou errado, o seu marido determina a sua vida sexual." Será que a gente precisa falar mais alguma coisa?

Acho que vocês já entenderam que esse livro não está sendo apenas jogado no lixo da redação. Ele está sendo rasgado em pequenos pedacinhos que depois vão para uma fogueira. Que medo!

Não vá lá: *As Regras do Casamento*, *Ellen Fein e Sherrie Schneider*, Rocco, 192 páginas, R$ 27

4

Queimando o curso

Amor não se aprende na escola

TERAPEUTA LANÇA EM SÃO PAULO UMA ESCOLA DE RELACIONAMENTOS E DESENVOLVE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO EM CONQUISTA. ERA O QUE FALTAVA NO RAMO DA PICARETAGEM A (DES) SERVIÇO DO AMOR

Que existem 800 milhões de livros de auto ajuda tentando ensinar coisas básicas como paquerar e arrumar namorado, a gente está cansada de saber. Também sabemos que as principais vítimas dessas picaretagens somos nós, garotas. Mas tudo sempre fica mais absurdo do que a gente é capaz de esperar. O mundo mais uma vez nos surpreende para o mal. Agora inventaram a Escola de Relacionamentos. É sério. A gente não está inventando. Esse lugar bizarro fica em São Paulo e foi criado pelo terapeuta e escritor Sergio Savian.

A escola, de acordo com o material de divulgação de seu criador, é um lugar onde ele desenvolve um Programa de Treinamento em Conquista e Relacionamentos Amorosos (assim mesmo, com letra maiúscula). Treinamento? Como assim? Será que somos adestráveis como cachorros?

Exemplo dos ensinamentos que são passados por essa escola foi um curso realizado mês passado chamado "Estratégias Avançadas de Sedução e Conquista", que durou um fim de semana inteiro. "A sedução acontece de forma encantadora quando você coloca seu magnetismo pessoal a serviço da conquista. Você se produz bem, fica atraente, usa a expressão corporal, é criativo (a) e surpreende com sua atitude", ensina o mestre. O que nos surpreende mesmo é que existe gente que acredita que amor tem a ver com estratégias, como se fosse marketing. Será que alguém é capaz de pensar a sério em se matricular em uma Escola de Relacionamentos? Ah, e só para vocês terem mais uma idéia do naipe do professor, um dos livros dele chama *Chega de Rolo, eu Quero Namoro*. Precisa dizer mais alguma coisa?

Orkut
A não-entrevista do mês

Preste atenção neste texto que foi enviado outro dia à redação da ***Tpm*** pela assessoria de imprensa de um restaurante japonês especializado em temakis (aquele sushi em forma de cone): "O recorde atual *[de temakis ingeridos]*, 22, foi quebrado pelo estudante André Cz trom. Fã da guaraia, ele até criou uma comunidade no portal Orkut chamada Temaki Express Lovers e que já conta com 119 membros". Depois de parar na capa de revistas com títulos criativos tipo: "A Nova Mania da Internet", o Orkut agora está na boca de tudo quanto é assessoria de imprensa. E é por isso que decidimos não entrevistar o Orkut este mês. O site está sendo mais explorado que o casamento do Ronaldinho com a Cicarelli. Duvida? Pois a gente contou. O Orkut foi capa da *Revista da Folha*, da *Época*, da *Superinteressante*. As reportagens falam quase sobre a mesma coisa: o que são as comunidades, que você precisa que alguém te convide para participar do Orkut etc. Fora as outras matérias "Seinfeld", aquelas sobre o nada, que aproveitam o Orkut como gancho. Uma delas, no *Estado de São Paulo*, avisava que "comunidade no Orkut reúne fãs de novelas". E daí?

Mas o pior é que, quando você pára de ler essas coisas, sai de casa e continua ouvindo falar que o Leo Jaime tem um milhão de amigos, que a sicrana tem não sei quantos fãs etc. O assunto é tão recorrente que um amigo da ***Tpm*** disse que fica no Orkut porque lá é o único lugar onde as pessoas não falam sobre o Orkut. Estamos ficando loucos?

Mas o mais irritante são as polêmicas sobre ser a favor ou contra o Orkut. Como se estivéssemos falando sobre alguma coisa importante, como ser contra ou a favor do Bush. Aqui na ***Tpm***, a Nina é orkuteira viciada. Já a Dani Falcão e a Milly Lacombe nunca se interessaram em dar uma espiadinha. Normal, cada um na sua. Ah, também aproveitamos para não entrevistar as palavras "scrap", "crush list" e "testemunial". Não sabe o que é? Então nem perca seu tempo porque isso não tem importância.

reprodução

Orkut Buyyokktoken, inventor do "maior site de relacionamentos do mundo" e de outros clichês

Motherns
Sociologia motherna

QUER FAZER NOVOS AMIGOS? TENHA FILHOS. ELES VÃO TE OBRIGAR A TRAVAR CONTATO COM SERES HUMANOS DESCONHECIDOS MESMO SE VOCÊ FOR A PESSOA MAIS BLASÉ DO MUNDO. AS GAROTAS DO WWW.MOTHERNS.BLOGSPOT.COM NARRAM O FENÔMENO por **Juliana Sampaio** e **Laura Guimarães**

Tímidos de todo o mundo: reproduzi-vos! Não existe jeito mais fácil de fazer novos amigos (ou pelo menos, conhecidos) do que ter uma cria para vencer as barreiras iniciais que os adultos impõem a todos aqueles que não fazem parte do seu círculo de convivência. Tudo começa assim: você chega na praia com seu carão habitual (reforçado pelos óculos escuros), fazendo aquela linha "do not disturb", acompanhada por seu rebento. Escolhe o lugar mais afastado possível e arma aí seu QG. Abre um livro, mas mantém um olho alerta acompanhando os passos da criança, que logo se põe a desbravar o ambiente próximo: a areia, as conchas e os palitos de picolé sujos.

Passado o quarto de hora inicial (que é o tempo médio que um ser humano leva para enjoar das belezas naturais), a criança volta a sua atenção para o que realmente move a nossa espécie: outros humanos. Sem pudores, ela vai se aproximando do QG de outra família, onde aborda corajosamente a fêmea líder do outro grupo com clássicos da "arte de fazer amigos" como:

"Por que o seu neném não tem cabelo?"

"Por que ele não quer comer areia?"

"Por que a minha mamãe tá me chamando?"

Quando você percebe que seu filho não vai voltar para seu território sem uma intervenção drástica, é obrigada a se aproximar também, sorrindo como é de bom tom. Aí se seguem os comentários básicos desse tipo de aproximação.

"Desculpa, ela tá nessa fase dos por quês..."

"Você só tem ele?"

"Vocês são de onde?"

Essa conversa mole pode render amizades. A menos que sua criança seja daquelas que só se interessam por filhos de famílias bolhas. Nesse caso, você pode criar um blog para falar sobre essas famílias bolhas e fazer um monte de novos amigos. Como aconteceu com a gente

2

Pós-metrossexualismo

O verdadeiro garoto sensível

CANSADA DA FUTILIDADE DOS METROSSEXUAIS? ENTÃO CAIA DE AMORES PELOS EMO BOYS, NOVOS XODÓS DA MÍDIA GRINGA. NA VERDADE, ESSE É UM NOME MODERNINHO PARA UM PERSONAGEM ANTIGO: O CARA DE BANDA SENSÍVEL E ATORMENTADO. QUANDO VÃO PARAR DE CATEGORIZAR OS HOMENS?

Chris Martin (em primeiro plano), vocalista do Coldplay e marido da Gwyneth, é o protótipo do emo boy segundo a mídia gringa. Será?

A mídia internacional surtou e não consegue parar de inventar rótulos para classificar homens. Agora a mania são os emo boys. O que é isso?, você deve estar se perguntando. Bem, a gente está tentando entender. Ficamos curiosas quando vimos que, em julho, o "fenômeno" havia conquistado a capa do jornal *New York Observer* e fomos investigar. Sabe aqueles meninos largados que tocam em bandas tipo Radiohead? Pois é. Agora eles são emo boys – emo de emotions, sacou?

Segundo a reportagem do *Observer*, os emo boys têm emoção à flor da pele, são sinceros, falam quando estão apaixonados e sofrem por amor. São heterossexuais que não acham que assumir seus sentimentos seja coisa de gay ou de mulher. Eles se parecem com o metrossexual, mas não têm aquela paranóia com a aparência, já que os emo boys que a gente conhece costumam ser bem largadinhos. Eles também adoram falar sobre seus problemas. Na verdade, eles aaaamam um problema. São tarados por DRs (discussões de relacionamento), enchem a cara quando tomam um pé na bunda e adoram escrever poemas para a ex.

Coldplay

Conclusão da nossa investigação: os gringos resolveram turbinar o nome do velho e bom garoto atormentado! O menino que acha que é o novo Bukowski agora é emo boy. Socorro! Um exemplo famoso de emo, segundo o mesmo jornal, é Chris Martin, vocalista do Coldplay, namorado de Gwyneth Paltrow e pai da menina Apple. No Brasil, ele poderia ser representado pelo Marcelo Camelo, dos Los Hermanos. Só que para a gente o Chris e o Marcelo não são emo coisa nenhuma. São bons tinhos de banda. E só. Parem de categorizar os nossos homens! Deixem os meninos em paz. E, para terminar, uma frase do editor convidado da *Trip* João Wainer. "Uma coisa é homem. Outra coisa é sensível."

3

Tecnologia

Celular amigo

AMERICANOS OFERECEM SERVIÇOS TELEFÔNICOS QUE AJUDAM VOCÊ A ESCAPAR DE UM ENCONTRO ROUBADA E A MENTIR NA MAIOR CARA DURA PARA O CHEFE OU NAMORADO por **Bárbara Axt**

Sabe quando você conhece um carinha, marca de sair e só então se dá conta que o cara é um mala? Ou quando aceita a sugestão de uma amiga para sair com aquele primo dela que acabou de se separar, e descobre – tarde demais – que o cara está deprimido e só fala na ex? Se você tivesse um celular da Cingular Wireless, uma companhia de telefonia móvel dos Estados Unidos, poderia sair chiquérrima dessa saia justa. Bastaria agendar um horário para receber uma ligação do "escape-a-date". Na hora marcada, o telefone toca, interrompendo seu momento tortura com uma desculpa prontinha: "Olá, essa é sua ligação do 'escape-a-date'. Repita: Oh não! Por que isso sempre acontece com você? Ficou trancada do lado de fora de novo? Vou aí abrir a porta para você!". Siga as intruções da gravação à risca e suma do local do encontro roubada.

Os serviços do celular amigo não se limitam à linha "como rejeitar desconhecidos chatos". Algumas companhias ajudam você a dar autenticidade a mentiras que, de vez em quando, a gente tem de contar a chefes e namorados ciumentos. É o caso do serviço que permite que você dê downloads de sons de fundo para a sua ligação. Você pode escolher entre sirene ("Amor, estou presa no engarrafamento, teve um acidente, as ambulâncias estão chegando agora!"). Ótimo também para quando você estiver atrasada para o trabalho porque dormiu demais e quer mentir para o chefe. Achamos que não dá para viver mais sem esses serviços, agora que sabemos que eles existem. Atenção operadoras de celulares do Brasil: que tal importar essa idéia?

Saga familiar

A culpa é do escrivão

NA EDIÇÃO PASSADA, UM MISTÉRIO TOMOU CONTA DA REDAÇÃO DA *TPM*. AFINAL, QUAL A GRAFIA CORRETA DO SOBRENOME DA MAIS BADALADA FAMÍLIA DE CABELEIREIROS DE SÃO PAULO: CALÇOLARI OU CASSOLARI?

Tudo começou quando a Dani Falcão, diretora de redação, leu a coluna da editora convidada Lorena Calábria, que no mês passado resolveu dar dicas de como enfrentar um "bad hair day". Lorena havia consultado amigas e cabeleireiros. Entre os entrevistados, estava Luciano Calçolari, titular do L'Officiel 3, salão hype no bairro dos Jardins. "Como assim Calçolari? O nome do cara é Cassolari", bradou com convicção a diretora Thaís Rabay, estagiária da produção, sabendo do rigor da Dani, já havia ligado para o salão e checado a grafia. "Dani, eu falei com o próprio Luciano e é assim que escreve." Depois de uma rápida pesquisa no Google, nossa diretora ficou mais confusa ainda porque só aparecem ocorrências do nome do Luciano do jeito que ela imaginava que fosse: com dois "s" e sem "l". Aflita, a produtora Regina ligou de novo para o L'Officiel, falou com uma assistente de Luciano, que confirmou a teoria da nossa chefe: o nome era Cassolari. Thaís ficou indignada porque jurava que tinha conversado com o próprio Luciano.

A Dani achou que ela havia levado um trote, e a Anita, coordenadora de produção, resolveu tirar a história a limpo, ligando de novo para o Luciano em pessoa. Adivinhem o que aconteceu? O cara confirmou que o nome dele era Calçolari. Cansada de tanto vaivém, a Dani decidiu deixar Cassolari mesmo: "Todo mundo escreve assim, então pra que criar polêmica?". O tempo passou, a revista foi pras bancas, e chegou o dia de a Mi ly ir ao L'Officiel para seu corte mensal. Enquanto Luciano Mãos de Tesoura cortava seu cabelo com aquela agilidade peculiar, ela disparou: "Como dia bos se escreve seu sobrenome?". "Ah, é uma longa história", começou o mestre. "Basicamente, cada um escreve como quer. O certo é Ca çolari, assim com 'ç' e 'l'. Mas a imprensa gosta mais de Cassolari." "E tudo bem pra você?". "Tudo bem porque a família é cheia dessas variantes. Tem Caçolari, Calssolari, Caussolari e por aí vai." Mistério resolvido, a gente promete que, daqui pra frente, o pobre Lu nunca mais vai ter seu nome escrito em vão.

Encontro de Calçolaris, Casso aris, Caço aris, Caissora is e dema s variave s no L'Off ciel, em São Paulo

Mundo moderno

Crianças metrossexuais

OS PEQUENOS DE HOJE DORMEM EM BERÇO DE DESIGN E GANHAM COMO PRESENTE DE DIA DAS CRIANÇAS UM FIM DE SEMANA NO SPA OU UMA MASSAGEM RELAXANTE PARA DESESTRESSAR DA ROTINA DE FESTINHAS E SHOPPINGS. O MUNDO ESTÁ PERDIDO!

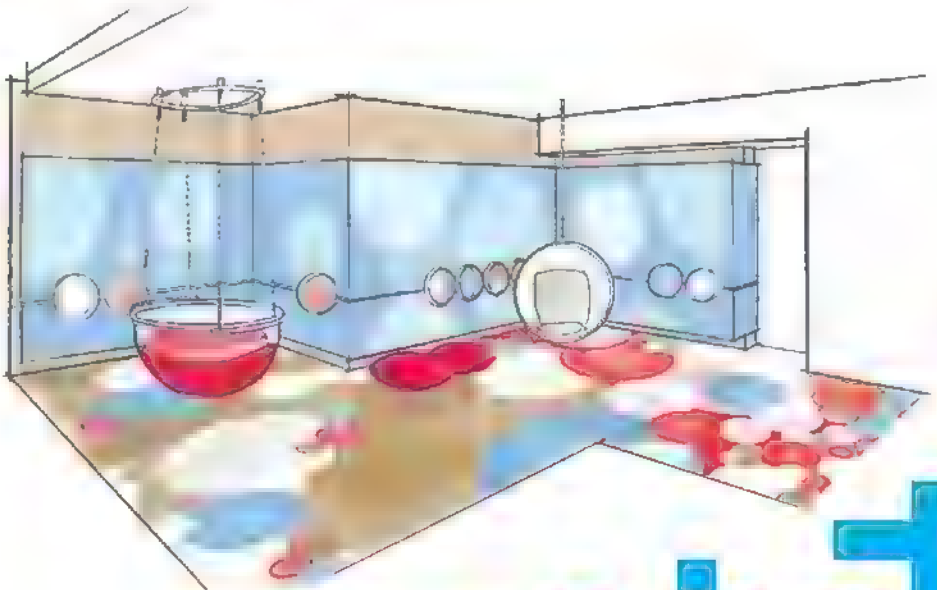
O que aconteceria se uma de nós, quando criança, falássemos para as nossas mães que estávamos estressadas e que precisávamos relaxar? Provavelmente iríamos ouvir que isso não era coisa de criança, porque criança não estressa, faz pirraça. Hoje em dia não é mais assim. Como o metrossexualismo tomou conta do mundo, agora inventaram também as crianças metrossexuais.

Elas nascem dormindo em sofisticados berços em forma de ovo (para lembrar o útero materno), instaladas em quartos com DVD (para turbinar neurônios com concertos de Mozart e Chopin) e cadeiras de design (o que uma criança pode fazer com uma cadeira de design a não ser destruí-la?). Sim, assim é a "Suíte do Bebê" montada na Casa Cor de São Paulo este ano. O espaço possui uma poltrona Bubble, importante peça criada pelo designer finlandês Eero Aarnio, que fica posicionada em frente ao berço. "Essa peça permite à mãe sentar-se no quarto do seu bebê não apenas para amamentar, mas também para contemplar a sua criação", explica a arquiteta Lia Carbonari, que montou o espaço.

Depois que crescem um pouquinho, essas crianças ficam muito estressadas com a vida e... vão relaxar em spas! Socorro! Sim, neste Dia das Crianças, spas de São Paulo estão oferecendo promoções especiais para as criancinhas. No Vale Suíço Resort Hotel, em Itapeva, a 290 km da capital, elas podem fazer massagem relaxante. O release distribuído para a imprensa pelo resort avisa o seguinte: "A idade é pouca, mas os compromissos que a sociedade e os próprios pais despejam sobre as crianças são suficientemente bastantes *[sic]* para deixá las ansiosas e estressadas. Hoje, os pequenos dividem-se entre festinhas, passeios, shoppings, aulas de inglês..."

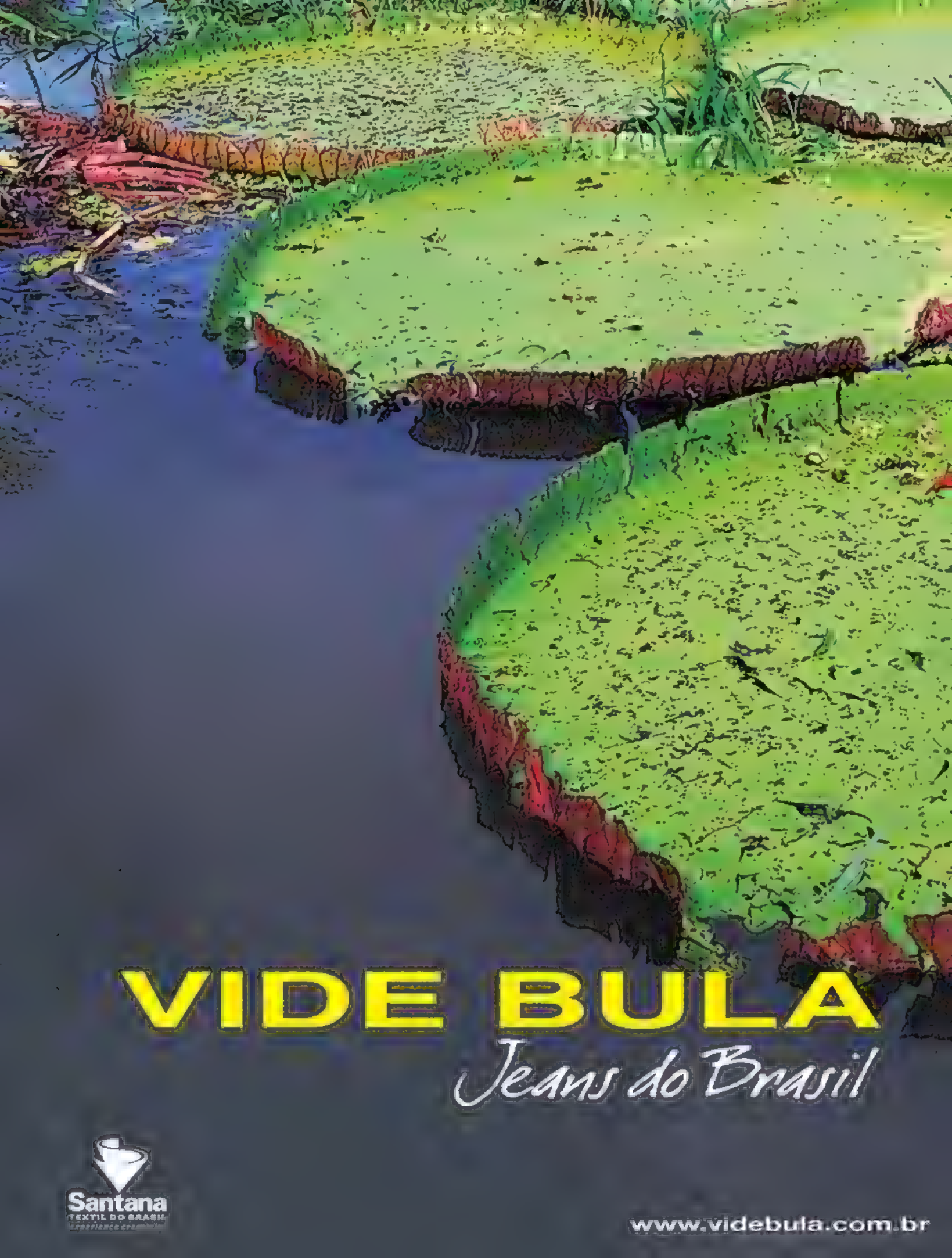
Máscara facial e massagem

Agora, imagina chegar para um garoto bem peste e falar: "Querido, você vai passar este Dia das Crianças fazendo uma massagem relaxante. É muito bom porque ela estimula pontos energéticos do seu corpo". As maiores podem ir para um spa ainda mais sofisticado, onde farão escova, máscara facial, massagem com hidratação corporal... O tratamento é customizado para peruinhas, que podem pintar as mãos com cores vibrantes e tratar da pele com máscaras de chocolate. Tudo isso acontece de verdade no Spa Casa Corpo Urbano, localizado, claro, no bairro paulistano dos Jardins. A gente continua achando que lugar de criança é na escola e no parquinho. E, temerosas pelo destino do mundo, nos preocupamos com o que vai acontecer quando essa gente crescer.



Croqui da "Suíte do Bebê" que poderá ser vista na Casa Cor

divulgação


VIDE BULA
Jeans do Brasil
Santana
TEXTIL DO BRASIL
www.videbula.com.br

Carlo Pastore Eurorsco

A Universidade Anhembi Morumbi mantém-se na vanguarda do Ensino Superior, como uma instituição que antecipa as tendências de mercado, oferece ensino dinâmico e propostas alternativas à capacitação de profissionais para o atual mercado de trabalho.

O perfil inventivo e a antecipação de tendências formam a base desta universidade criadora de cursos inéditos como Turismo, Gastronomia, Quiropraxia, Design Digital, Design de Games, além do curso de Pós-Graduação On-Line em Moda, Padrões Gastronômicos e Hospitalidade, entre outros.

Se você está buscando criatividade, compromisso e visão de negócios, é nesta universidade que você tem que estar.

Inscreva-se já

universidade anhembi morumbi

www.anhembi.br

0800 15 90 20

SACOLÃO

SÃO PAULO

MISTURA BOA DE UM POUCO DE TUDO O QUE MAIS GOSTAMOS

Fotos **Rafael Quintino** Edição **Renata Leão**

PRATAS DA CASA

Nesta seção, o povo aqui da redação, amigas e agregadas contam o que descobriram de mais legal no último mês

Mecânica para mulheres

Quem olha para Marta Bruno nem imagina que aquela mulher bonita, mignon e delicada entende muito de mecânica. Gestora ambiental, já foi dona de uma oficina de conversão de carros para gás natural e aprendeu sobre o funcionamento de motores durante um curso para tirar brevê de piloto privado de avião e helicóptero. Conheci a Marta no fim do ano passado, apresentada por amigos em comum. Desde então, sempre que suspeitava estar sendo enganada por algum mecânico, ligava pra ela. Descobri que outras amigas faziam o mesmo, e foi aí que tivemos a idéia de sugerir que Marta nos desse aula. Numa manhã de sábado, levamos nossos carros a um galpão na Barra Funda, levantamos os capôs e começamos a desvendar os mistérios. Primeiro, aprendemos noções básicas do funcionamento de um carro. Em seguida, Marta elucidou dúvidas do tipo: o que fazer quando a bateria fica seca (encher com água destilada) Na tarde de domingo, a última aula: manutenção. Marta ensinou os cuidados necessários para manter o carro em ordem, da limpeza interna até a troca de óleo e a calibragem de pneus. Também recebemos dicas de como perceber a hora de levar o veículo para um check-up e de como gastar só o estritamente necessário. A idéia deu tão certo que a Marta está abrindo novas turmas. **(Adriana Tintori estuda jornalismo na Cásper Líbero e é amiga da *Tpm*)**

Vá lá: *para fazer o curso é preciso formar um grupo de 4 a 8 mulheres. O custo é de aproximadamente R$ 250 por pessoa. Mais informações: mybruno@uol.com.br*

Sapatinhos de Cinderela

Esta notícia é boa e ruim. A loja mais legal de sapatos do Rio de Janeiro, a New Order, acaba de abrir filial em São Paulo. Por que isso é bom? Ah, porque agora eu não preciso ir até o Rio comprar meus sapatos prediletos. Mas também é ruim, porque agora eu não terei mais os sapatos que ninguém em São Paulo tem. E todas as meninas, absolutamente todas, ficam loucas com os sapatos, as bolsas e os acessórios da New Order.

A loja é a parte mulherzinha da grife Osklen e tem só coisinhas deliciosas para meninas. É impossível entrar na New Order e não querer comprar pelo menos um par de sapatos. E tem de todos os tipos: de sandálias de salto alto a tchinelos de borracha. Tudo fofo. Eu tenho várias coisas da marca (sim, porque a cada dia que passa eu amo mais sapatos). O meu preferido é um tamanco com tecido de florzinha, estilo Brigitte Bardot. Tudo! Ao visitar a loja de São Paulo, claro, não resisti. Voltei para a redação com um cachecol de flores preto-e-branco que vai ficar lindo com qualquer camisetinha. Os homens da Trip disseram que parecia coisa de Carnaval. Que se danem. Homem não entende nada. **(Nina Lemos)**

Vá lá: *shopping Iguatemi, 1º piso, (11) 3814 7510. Dicas: tamanco com fivela de strass (R$ 127), cachecol de flores (R$ 87) e bolsa de Poá (R$ 112)*

Aula no sebo

Dia desses, caminhando pelo viaduto Nove de Julho, resolvi entrar num sebo. Costumo frequentar sebos e me habituei com vendedores que não sabem muito sobre o que oferecem. Mas foi só pedir uma informação ao Pedro, 33, dono da loja, para ver que o cara entende muito de qualquer assunto relacionado a livros, discos e CDs. Eu queria *O Processo*, do Kafka. Ele indicou a melhor tradução e sugeriu outras obras do mesmo estilo: *Carmirra*, de Sheridan Le Fanu e *O Túnel*, de Ernesto Sabato. No fim, ainda recomendou *Inferno*, do escritor sueco August Strindberg, um mestre para Kafka. Quando vi, tinha ido parar num porão cheio de raridades. O lugar não é bem um sebo porque não trabalha só com velharias. Para quem não é de São Paulo, ele entrega em domicílio. É só ligar dizendo o que você procura que ele dá um jeito de achar. Mas vale fazer uma visita com tempo porque é bem capaz de você sair de lá sonhando com um dia sem obrigações, quando poderá ler tranquilamente todas as obras que terminou comprando. **(Ariane Abdallah)**

Vá lá: viaduto Nove de Julho 184. Consolação. (11) 3255.3270. Dias. *O Processo*, Franz Kafka, tradução de Modesto Carone. Cia das Letras. R$ 30. *Inferno*, August Strindberg. Nova Fronteira. R$ 20.

Café fresco

Sabe aqueles dias de verão em que tudo o que você quer é sentar num restaurante fresquinho, de preferência com mesas ao ar livre, pra ficar beliscando pratos leves e bebendo alguma coisa gelada? São Paulo é meio carente desse tipo de lugar. E é por isso que jogo as mãos para o céu quando descubro um oásis como o Santo Grão. Perfeito para tomar café-da-manhã com as amigas no fim de semana, tem janelas gigantes que fazem entrar um ventinho tão agradável que a gente pensa até que está na praia. A especialidade da casa são os cafés. O meu predileto é o gelado. Há uns dois meses, chova ou faça sol, é lá que tomo o brunch de sábado com a Dani Bianchi, editora convidada aqui da ***Tpm*** e amiga de longa data. Como ela estava prestes a dar à luz o Antonio e sempre foi magrinha, caiu de amores pela panqueca com mel e pela baguete com queijo. Eu, que vivo de regime, peço frutas com iogurte ou suco de maçã com gengibre. Uma "dilícia"! **(Daniela Falcão)**

Vá lá: rua Oscar Freire, 413. (11) 3082.9969. Dias. Café gelado: R$ 4,90. Panqueca: R$ 8. Baguete com queijo: R$ 3,50. Frutas com iogurte: R$ 5,50.

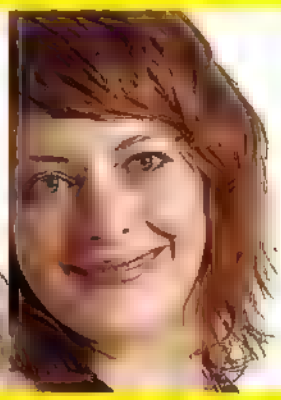
PENTEADEIRA

TODA COR

Chega a primavera, e você percebe os estragos do inverno: está desbotada, pálida, com cara de doença. Para combater a brancura aguda, ***Tpm*** recorreu a quatro mulheres que espantaram a cor de escritório com a ajuda de blush, pó facial e mousse autobronzeante

Produção Thatiana Mendes e Ariane Abdallah

Vá lá: *Lancôme 0800 7017323, M.A.C. 0800 2828998, Sephora www.sephora.com (além de Paris a loja tem filiais em Espanha, Itália, Polônia, Canadá, Portugal, EUA e Reino Unido)*



Sheertone Blush

M.A.C., R$ 80

"Tenho a pele morena, mas quando passo muito tempo sem tomar sol ela fica meio pálida. Uma amiga me indicou este blush, comecei a usar e adorei. É bom porque posso passar tanto de dia como à noite deixando o rosto com um leve bronzeado. Ele ilumina as maçãs sem esconder o tom natural da pele. E dura bastante, o que é ótimo." **Gabriela Bauab**, 22, estagiária do departamento de marketing da Trip

Flash Bronzer Mousse Magique Ensoleillante

Lancôme, R$ 144

"Sou branquelinha, mas acho que todo mundo tem o direito de ter uma cor mais saudável. Antes do sol, uso a mousse autobronzeante só para não assustar a galera. Após o banho, é legal espalhar bem e esperar um pouco para se vestir (nunca manchei nenhuma roupa, mas é bom prevenir). Com algumas aplicações, você já se sente douradinha, com aquela sensação total saúde Gisele Bündchen. Não se esqueça de lavar a palma das mãos depois de usar para que não fiquem escuras." **Chris Couto**, 44, atriz

All Over Skin Bronzing Powder

Sephora, U$ 12

"Descobri este pó facial na casa de uma prima, antes de sair para a balada. Fui futucar o nécessaire dela e descobri que só havia produtos da Sephora, uma marca francesa. Amei o pó, que me deixou com um bronzeado brilhante. Este ano, fui a Paris e visitei a loja da Sephora, o paraíso! Agora o meu pó é o mais disputado antes da balada." **Samira Bissiguini**, 21, estagiária do departamento financeiro da Trip

Cream Color Base

M.A.C., R$ 70

"Primeiro fui atraída pela cor (fuchsia perfect). Blush cremoso normalmente é difícil de aplicar, mas este é diferente: espalha facilmente e não deixa aquela marca onde começa o produto. Ideal para aparentar que você acabou de dar um passeio ao ar livre numa manhã de sol." **Lucia Soares**, 40, repórter da TV Globo e integrante da comunidade "Uso Blush Rosa" do Orkut

STAROUP
JEANS
www.staroupjeans.com.br
Foto João Fucci SI Publicidade

DELICATÉSSEN

DE BEM COM BACO

Apreciadora de uma boa taça de vinho, nossa colaboradora prova que dá para encontrar vinhos bons e baratos nas prateleiras do supermercado do bairro

por Juliana Calderari

O brinde de Juliana (de cabelo comprido) e da sommelière Dani e a

Quem nunca passou um aperto na hora de comprar um vinho que atire a primeira pedra. Nos supermercados, então, é tanta garrafa que embaralha a vista. Na segunda olhada, já dá vontade de ir para um boteco congelar os dedos num copo de cerveja. Mais difícil ainda é escolher o que comprar com pouco dinheiro sem dar vexame. Comecei a trabalhar em restaurantes nos meus tempos de faculdade. Já fui garçonete, caixa, bartender, gerente e até maître em um hotel superchique. Nos quatro anos nessa vida maluca, aprendi a apreciar uma boa taça de vinho, seja no inverno, seja no verão. Meu primeiro curso sobre o assunto foi num extinto restaurante na rua Oscar Freire, em São Paulo. Agora, estou no meio do segundo, no vivíssimo Hotel Fasano, também nos jardins.

O principal problema para quem gosta de comprar vinhos e costuma seguir as dicas de sommeliers dadas em revistas especializadas é que é difícil encontrar a maioria das garrafas indicadas. Mas será que dá para fazer compras espertas no supermercado do bairro? Para resolver a questão, recorri a uma antiga companheira de restaurantes, a Dani Bravim, ex-sommelière do Julia Cocina e que já trabalhou na Europa. Abaixo, as dicas das últimas três boas compras que fizemos juntas e mais uma lista com opções certeiras.

1. Salton Reserva Brut (Brasil): espumante é o que o país faz de melhor. E o bom é que não custa caro. Por R$ 16,90 no Pão de Açúcar

2. Morande Pionero Chardonnay (Chile): fresco, com boa acidez, leve, de icado e fácil de beber. Vale cada centavo. Ótima dica para quem gosta de vinho branco. Por R$ 22,30 no Extra

3. Periquita 2002 (Portugal): trata-se de um tinto clássico. Poucos bons vinhos europeus custam isso. É uma expressão muito honesta de um vinho popular português produzido por uma vinícola que acaba de completar 150 anos. Por R$ 20,90 no CompreBem Barateiro.

Outras dicas espertas disponíveis nas prateleiras do super:

- **Salton**, gewürztraminer 2002, Brasil/branco: R$ 16,50 no Pão de Açúcar.
- **Miolo Reserva**, sauvignon blanc 2003, Brasil/branco: R$ 16,80 no Sonda.
- **Casal Mendes Caves Aliança** baga – não safrado, Portugal/rosé R$ 19,10 na Casa Santa Luzia.
- **Angaro Finca La Cella**, malbec e syrah 2002, Argentina/tinto R$ 16,30 no CompreBem Barateiro.
- **Finca Flichman**, malbec 2002, Argentina/tinto R$ 21,70 no CompreBem Barateiro.
- **Morandé Pionero**, cabernet sauvignon 2002, Chile/tinto R$ 23,90 no Pão de Açúcar
- **Salton Volpi**, cabernet sauvignon 2002 Brasil/tinto: R$ 23,10 no Extra.

Vá lá: CompreBem Barateiro: 0800 7758888. Extra: 0800 115060. Pão de Açúcar: 0800 7732732. Casa Santa Luzia: Al. Lorena, 1.471, (11) 3083 5844. Sonda Supermercados, Av. Francisco Matarazzo, 892, (11) 3866 2920. Preços de 20 de setembro

Você tem 1 nova mensagem: Y-Mail do Yahoo! Eleito o melhor e-mail pela revista INFO.

O e-mail do Yahoo! foi o mais bem avaliado pela revista INFO. É fácil saber por quê:

- 100 megas de espaço na sua caixa postal;
- Exclusivo filtro SpamGuard e Norton AntiVirus™;
- Envie e receba mensagens de até 10 megas;
- Receba suas mensagens do Yahoo! em seu programa de e-mail;
- Exclusivo e-mail descartável para uso temporário;
- Organize e acesse várias contas de e-mail a partir do seu Yahoo! Mail.

YAHOO!® BRASIL

Internet começa com Y!

DISCOTEQUE

ELA VAI MORAR EM SÃO PAULO

A vocalista dos Pretenders [illegible] ... [illegible] São Paulo. [illegible] Chrissie Hynde revela seus lugares preferidos na cidade [illegible] por Moreno Veloso e Supla

[illegible] Claudia Lima e Nina Lemos

Divulgação

Você se lembra da Chrissie Hynde, a vocalista dos Pretenders, uma das bandas mais bacanas dos anos 80? Pois é, Chrissie ainda está ativa. E agora colocou uma idéia maluca na cabeça: vai morar em São Paulo. Sim, com tantos lugares para se morar no mundo, a cantora, que vive em Londres, escolheu a cidade poluída onde fica a redação da *Tpm* para residir parte do ano. Um pouco assustadas com essa escolha, tivemos a honra de conversar com ela e pegar dicas sobre Sampa. Nossa nova vizinha é megassimpática. Se quiser conhecê-la, a partir de 28 de outubro, Chrissie vai tocar em várias capitais do Brasil, acompanhada dos músicos Moreno Veloso e Kassim.

Por que São Paulo? Amo centros de cidades. E o de São Paulo é um dos mais legais do mundo. Percebi que os Jardins são o bairro mais fashion, mas preferi o centro.

Aonde você levaria um amigo seu que viesse conhecer São Paulo? Ao edifício Copan. Ele é fantástico! Fui também ao Terraço Itália, que tem uma vista maravilhosa, você vê toda a cidade. É o máximo.

Você conhece algum restaurante vegetariano em São Paulo? Conheci o Nutrison e achei ótimo. Quando estive em São Paulo fui lá todos os dias. Não comi em nenhum outro lugar. Os pratos são bons. Mas quero investigar os outros restaurantes vegetarianos da cidade quando voltar em outubro.

Do que você gosta na música brasileira? Adoro Maria Rita. Ela teve um bebê, né? Já nasceu? Como chama? *[Antônio nasceu em 2 de setembro.]* Ela é fantástica. Sempre gostei de música brasileira. Vi um show do Caetano Veloso que adorei em um pequeno hotel de São Paulo *[o "pequeno" hotel a que ela se refere é o Fasano]*. E adoro o Moreno Veloso. Ele é absolutamente fantástico e está no meu top 10.

Seu top 10 deste mês? Não, meu top 10 da vida toda. Acho Moreno Veloso tão bom quanto o primeiro álbum do Led Zeppelin! Estou cansada do rock. Vir ao Brasil tem isso, ver coisas novas, mais divertidas. Cansei da coisa do rock, das drogas, do show. Acho que no Brasil tudo é mais leve.

Você quer trabalhar com direitos de animais em São Paulo? Estou investigando o que posso fazer. Percebi que as pessoas gostam muito de animais em São Paulo, porque quase todos os que vi estavam vestidos. Não gosto disso, mas mostra que as pessoas curtem bichos.

Quais são seus outros planos em São Paulo? Quero passear pelo centro da cidade. E encontrar com pessoas legais que eu conheço. Encontrar com um rock star daí. Vocês conhecem o Supla?

Conhecemos, claro. Ele é bacana. Então vamos sair com ele quando eu estiver aí.

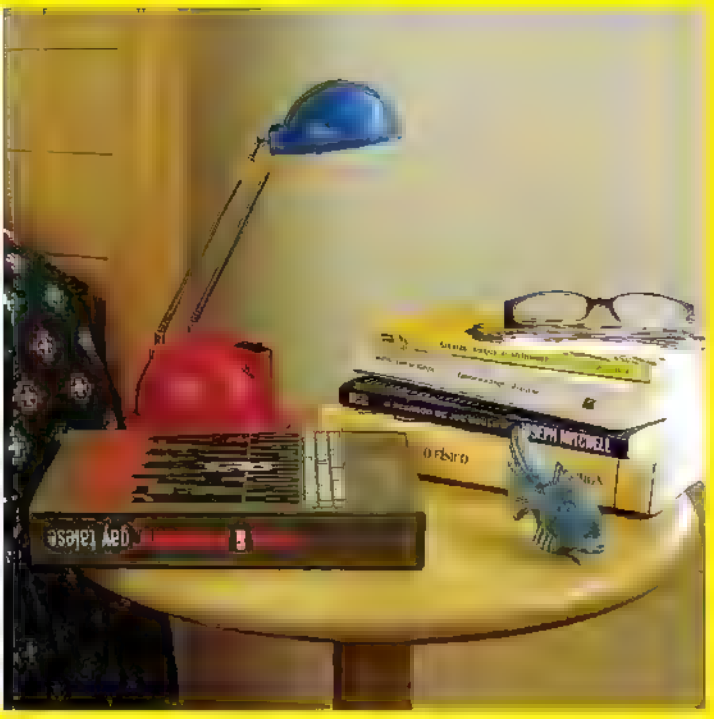
P.S.: Nina Lemos e Claudia Lima são fãs dos Pretenders desde 82 e pretendem, sim, fazer uma balada com Chrissie e Supla pelo centro

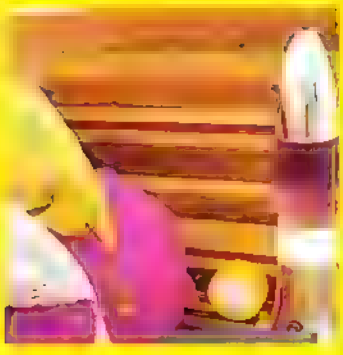
Vá lá: *Nutrison, viaduto 9 de Julho, 160. (11) 3255 4263. Chrissie Hynde: São Paulo (28 de outubro, DirecTV Music Hall), Brasília (29 de outubro, Iate Clube), Goiânia (30 de outubro, local a confirmar), Belém (10 de novembro, Assembléia Paraense), Rio de Janeiro (6 de novembro, local a confirmar), Belo Horizonte (7 de novembro, local a confirmar), Porto Alegre (11 de novembro, Teatro do Sesi)*

CABECEIRA

LIVRARIAS DOMÉSTICAS

Penetramos nos criados-mudos de uma chef e de uma estudante de jornalismo para saber quais histórias andam encantando as mulheres da ***Tpm***





Sexo, drogas e receitas de cozinha

Cozinha Confidencial é interessante não só para gourmets, mas para todo mundo que gosta de comer bem. O autor, Anthony Bourdain, é chef formado pelo badalado Culinary Institute of America e proprietário do Les Halles, um bistrô francês em plena Park Avenue, no coração de Manhattan. Não tivesse tanta experiência, seria difícil acreditar no que ele conta. O livro mostra os bastidores das cozinhas mais famosas de Nova York. E revela informações valiosas. A gente fica sabendo que não deve comer peixe às segundas-feiras (pois na melhor das hipóteses foi pescado na sexta anterior) nem pedir o prato do dia (em geral, feito com ingredientes perto do prazo de validade). Nada nem ninguém é poupado. Anthony fala sobre drogas, brigas, sexo, trapaças, falta de higiene, lavagem de dinheiro e tudo de obscuro que já presenciou desde que começou a trabalhar em restaurantes. *Cozinha Confidencial* causou enorme polêmica quando foi lançado, já que o lado podre do business foi revelado e muito restaurante se viu em maus lençóis. Eu, como profissional da área, digo que Anthony Bourdain simplesmente separou o joio do trigo de forma bem-humorada. **(Bel Coelho, 25, é chef do restaurante Sabuji, no Itaim. Foi eleita revelação de 2004 pela *Veja-SP*)**

Vá lá: Cozinha Confidencial, de Anthony Bourdain, 384 págs., Cia. das Letras, R$ 48,50

O que mais repousa na cabeceira de Bel: *As Meninas* (Lygia Fagundes Telles), *A Hora da Estrela* (Clarice Lispector) e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*

É tudo verdade

Gay Talese é o pai do jornalismo literário. Isso era tudo o que eu sabia quando decidi ler *Fama e Anonimato*. Achei que uma hora ou outra teria mesmo que descobrir o que é esse tal de "new journalism" inventado por Talese – e por que não agora? A idéia do jornalismo literário é mesclar a reportagem tradicional com técnicas da literatura, para produzir textos mais leves e apetitosos. *Fama e Anonimato* é uma coletânea dos melhores textos de Talese, que podem ser lidos, como sugere a orelha do livro, como "contos de não-ficção". Entre eles, o famoso perfil de Frank Sinatra, que o repórter escreveu mesmo sem ter conseguido entrevistar o cantor. Mas o livro não é só glamour. O ouro do livro, para mim, é a seleção de textos sobre a cidade de Nova York. Reunidas no capítulo "Nova York, a jornada de um serendipitoso", as pequenas reportagens apresentam dados curiosos, personagens peculiares, momentos que passam despercebidos do turista acidental. O resultado é um perfil delicioso e bizarro da capital do mundo nos anos 60

(Serena Calejon, 21, é estagiária das revistas GOL e *Notícias da Gente* - AMBEV)

Vá lá: Fama e Anonimato, de *Gay Talese*, 536 págs., Cia. das Letras, R$ 52

O que mais repousa na cabeceira de Serena: *O Segredo de Joe Gould* (Joseph Mitchell), *O Amor nos Tempos do Cólera* (Gabriel Garcia Márquez), *A Insustentável Leveza do Ser* (Milan Kundera) e *O Físico* (Noah Gordon)

FEIRÃO

MRA CULPA

Como se gasta por aqui! A partir de agora você fica sabendo para onde vai o nosso dinheiro. Veja aqui alguns dos produtos que o pessoal da redação comprou este mês

1. **Ipod,** Apple, R$ 1890 (Dan)
2. **Atemóia,** Clube Chocolate, R$ 2 a unidade (Dani)
3. **Charles Bukowski, *Vida e Loucuras de Um Velho Safado*, Howard Sounes,** Fnac, R$ 30,70 (Ariane)
4. **William Saroyan, *O Jovem Audaz no Trapézio Voador,*** Livraria Cultura, R$ 26 (Rê Leão)
5. ***Bergdorf Blondes: A Novel by Plum Sykes,*** Amazon, U$ 16,77 (Dani)
6. **Broche,** Isabela Capeto, R$ 80 (Dani)
7. **Base Adaptive Lancôme,** Opaque, preço sob consulta (N na)
8. **Óculos Evoke,** Star Point, R$ 924 (Rê Campos)
9. **Camiseta Cavalera,** preço sob consulta (Rê Leão)
10. **Protetor labial Ceralip La Roche-Posay,** Dermo Cosmética, R$ 26 (Lorena)
11. **Iogurte de banana,** Pão de Açúcar, R$ 2,99 (Mil y)
12. **Bolo Pullmann individual,** Extra, R$ 0,39 (Bruna)
13. **Cd Sonic Youth, *Sonic Nurse*,** Fnac, R$ 38,90 (Bruna)
14. **Cd Carla Bruni, *Quelqu'Un M'a Dit*,** Amazon, U$ 23,49 (Rê Campos)

Vá lá: Amazon, www.amazon.com; Apple: 5503 0090 (capital e grande São Paulo) e 0800 12 745 (demais regiões); Cavalera: (11) 3083 5887; Clube Chocolate: (11) 3084 1500; Dermo Cosmética: (11) 4125 3666; Extra: 0800 7 5060; Fnac: (11) 2123 2000; Isabela Capeto: (21) 2249 9493; Livraria Cultura: (11) 3024 3599; Opaque: (11) 3872 3157; Pão de Açúcar: 0800 7732732; Star Point: (11) 3032 2872

Falar inglês é mais tranqüilo do que ter alguém falando por você o dia todo.

Faça Alumni. Aqui você fala, pensa, escreve e vive o inglês.
Cursos para adultos e jovens.

Anote: venha conhecer nossa nova modalidade
de curso - toda a qualidade Alumni com preço mais acessível.

Matrículas abertas - Tel.: (11) 5644-9700

Unidades: Itaim, Morumbi, Paulista, Perdizes e Santo Amaro - www.alumni.org.br

alumni
AQUI VOCÊ APRENDE.

PENETRA

por João Paulo Cuenca

João Paulo Cuenca, 26 anos, é autor de *Corpo Presente*. Seu e-mail: cuenca@trip.com.br

PRECE DO BANHO FRIO

Nosso penetra confessa estar de **saco cheio** da vida e, para se libertar, faz uma oração

Acordo cedo, mal do estômago e das costas. O que me desperta não é exatamente disciplina ou respeito a algum compromisso ou horário, e sim uma estranha obediência do meu corpo às minhas obsessões que, desde o primeiro olhar largado ao teto, me esbofeteiam a cara. Arrasto meus pés até os azulejos brancos do banheiro, olho para a lâmina do barbeador e tenho o impulso de fazer um talho na sobrancelha. Resisto e abro o chuveiro. As luzes da casa diminuem quando ligo a água quente – a instalação elétrica está tão prejudicada quanto as minhas reflexões. Dos males, talvez a gastrite e a coluna sejam os menores.

Os fios d'água escorrem pela minha cabeça, misturam-se aos pensamentos embaraçados antes de chegarem ao ralo, já macerados por mim. Para desfazer meus nós no dia de hoje, com o perdão das senhoritas, apelo para o improvável neste espaço – uma prece. Respeitando meu senso de religiosidade tacanho e desregrado, o pedido de palavras curvas não tem sentido nem direção certa.

Há um boteco sujo em Botafogo onde existe um altar com três imagens, ramos de oliveira e duas dúzias de garrafas de uísque e conhaque vagabundos. Há uma mulher que atende num conjugado no Largo do Arouche, lê mãos, joga búzios, devolve o amor em três dias. Há um senhor de terno purgando os pecados do mundo com um megafone no Largo da Carioca. Há um padre inocente em Porto Alegre e um centro espírita em Pernambuco. Eu procuro e aceito, o que for. Preciso de uma prece que me liberte.

Preciso de uma prece que me liberte de ser completo. Que me liberte do que me afasta de mim mesmo. Que me liberte do viciado círculo social de jornalistas, editores e seus respectivos puxa-sacos de plantão. Que me liberte de restaurante cool, garçons de nariz pontudo, garçonetes atrizes em ascensão. Que me liberte do clima falsamente espontâneo dos neobotequins e seu mármore envelhecido de propósito. Que também não deixe de me libertar dos escritores, seus cânones, grupelhos e pequenas vaidades. Que me liberte da boa mesa, da boa crítica e dos bons modos. Me liberte do olhar dissimulado do artista da vez por trás de óculos de aros grossos. Me liberte da aceitação irrestrita, do sucesso de público e de tapinhas nas costas. Me liberte de ser popular.

Uma prece que me liberte da mobília elegante e planejada da feira de decoração em São Conrado, dos pisos de mosaico e dos sofás de couro branco. Me liberte da camisa importada de grife, feita com mão-de-obra escrava em Marrocos. Me liberte da arte estéril comprada por madames modernuhas em galerias despojadamente sofisticadas. Que me liberte do vazio do Orkut, dos desfiles de moda, dos passes vips e do prosecco grátis. Uma prece que me liberte do dono do contracheque.

E me liberte dos dentes perfeitos do sorriso na TV. Me liberte da boa forma, spinning, pilates, capoeira, lambaeróbica, caratê, ioga e lôga. Me liberte dos traços simétricos e do retoque na foto da página central. Me liberte do casal de ocasião nas capas das revistas. Aliás que me liberte de modelos e jogadores de futebol. Que me liberte das viúvas de *Sex and the City* e sua compulsão por arrumar um homem para depois enfileirar seus defeitos e reclamar, reclamar, como eu faço agora. Que me liberte do amor. Que me liberte dessa corrida interminável atrás do meu próprio rabo – ou melhor falando, do meu próprio pau. Me liberte da minha sina redundante. Me liberte do lápis que escreve as mesmas palavras. Que me liberte da obrigação de ser coerente. Uma prece que me liberte, não do que me afasta de mim, mas que me liberte de mim mesmo, simplesmente. E me liberte, acima de tudo, da minha própria opinião sobre o que acabei de escrever.

O chuveiro puxa energia demais e desarma o disjuntor velho – a instalação elétrica está tão prejudicada quanto as minhas reflexões. Antes de o banho acabar, a luz apaga e a água esfria. Sento no chão do banheiro, no escuro, sem roupa. Ainda muito longe de ser livre.

Gostaria de escrever um PS. e agradecer os e-mails recebidos. Li e reli cada um com enorme carinho, mas infelizmente não tive tempo de responder a todos. Vieram até minha caixa postal números tratados sobre a tristeza das meninas, confissões bem-sumidas do país inteiro, elogios que me deixaram orgulhoso e feliz com a identificação que as últimas colunas causaram. Foi mais do que eu poderia esperar. Obrigado de coração.

COLUNA DO MEIO

por Milly Lacombe

A carioca Milly Lacombe, 37 anos, é jornalista. Seu e-mail: milly@trip.com.br

COMO PERDER A INOCÊNCIA

Nossa colunista lembra seu primeiro encontro com a **intolerância**

Assim que o sinal do recreio tocava, dois grupos automaticamente se formavam: meninas entravam numa sala para brincar de boneca, meninos organizavam o futebol no pátio. Embora a percepção de que era eu a única integrante do gênero feminino a preferir o pátio tivesse sido rápida, ela não vinha associada a sentimentos subversivos ou desencaixados. Era simplesmente uma constatação, que nunca me incomodou nem parecia perturbar os pequenos rapazes de 7 anos que driblavam comigo. Até que um dia tudo mudou. Numa manhã de sol forte em São Paulo, enquanto me preparava para chutar a gol, notei a diretora e duas professoras vindo em minha direção. "Futebol é coisa de menino, querida. Venha brincar de boneca." Com essa frase, sob o olhar perplexo de meus companheiros, elas me arrastaram em direção a uma sala escura onde estava sendo comemorado o aniversário da filha de uma de minhas coleguinhas. Em volta da mesa havia uma dúzia de garotas que pararam de cantar "Parabéns a Você" assim que a porta se abriu. Durante alguns longos segundos, todas se viraram e me encararam com um misto de espanto e desdém. Até que uma delas resolveu, para meu alívio, me dar as costas e retomar a comemoração – e eu rapidamente fui ignorada, o que, aprendi anos mais tarde, é o menor dos males da discriminação. Envergonhada, acomodei meu corpinho num canto da sala escura e fiquei ali torcendo para que o mais longo recreio de minha curta existência terminasse.

Enquanto lá fora meninos eram meninos e ali dentro meninas eram meninas, minha vida mudava para sempre. Quando aquelas professoras me pegaram pelo braço e me impuseram as bonecas, elas estavam fazendo muito mais que corrigindo um provável desvio de sexualidade ou salvando meu futuro, elas estavam me arrancando um dos direitos mais fundamentais da infância: o direito de saber, sem que ninguém precise explicar, que somos todos iguais e, ao mesmo tempo, diferentes. De se dar ao luxo de não entender palavras como intolerância, discriminação e preconceito. O sagrado direito de ser inocente.

Com o episódio, perdi o privilégio de flutuar confortavelmente entre os gêneros sem que minha presença fosse questionada. Eu era, oficialmente, um equívoco.

Trinta anos mais tarde me vi disputando um campeonato de futebol organizado pelo Clube Pinheiros, um dos mais tradicionais de São Paulo. Garotas e mulheres talentosas e de todos os estilos, classes sociais e perfis levavam o público presente a calorosas manifestações de apoio. Ali, me peguei pensando em como a vida teria sido mais simples se intolerantes de plantão não tivessem procurado em minhas atitudes aparentemente irreverentes traços que pudessem indicar desvios de comportamento e que demandassem correção. Em como eu poderia ter me aceitado mais rapidamente se a preocupação alheia fosse com a minha felicidade e não com a perpetuação de padrões. E em como são as convicções que destroem a verdade que existe em cada um de nós. Eu certamente não deixaria de ser gay se me tivessem proibido de jogar e, naturalmente, minha homossexualidade não nasceu dentro de um campo de futebol. Entre um chute e outro entendi que a ignorância, a mãe de todos os preconceitos, é a maior inimiga de nossa riqueza suprema: a diversidade.

Àquelas professoras que acreditavam que me proibindo de jogar estariam assegurando minha heterossexualidade e salvando assim meu futuro, eu digo que meu futuro e minha dignidade estão, apesar de pessoas como elas, salvos.

Material chroniony prawem autorskim

UM PENSAMENTO

por Mara Gabrilli

Mara Gabrilli, 36 anos, é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico – ela é tetraplégica e foi *Trip* Girl na *Trip* #82. Seu e-mail: maragab@uol.com.br

QUEREMOS A VERDADE

Nossa colunista/candidata a **vereadora** sai pelas ruas da cidade para encontrar eleitores e descobre coisa melhor

Quando você estiver lendo este texto, já posso ter sido eleita vereadora, mas o que gostaria de te contar é a experiência que tive com as pessoas durante esses dois meses de campanha. Saí pelas ruas da cidade com alguém empurrando a minha cadeira, e outro ajudante entregando os santinhos. Conversando com os passantes, percebi o quanto existe hoje necessidade de verdades. Ninguém quer eleger slogans, nem faixas com nome e número. As pessoas querem alguém em quem possam confiar. Eu nunca achei (também nunca havia pensado nisso) que as pessoas parassem na rua para conversar, questionar, argumentar e, principalmente, se emocionar.

Quantos choraram na minha frente e quantos mil sorrisos eu recebi quando a Nice – que trabalha comigo no PPP (Projeto Próximo Passo) e foi uma revelação como cabo eleitoral – passava dizendo: "Esta moça é candidata a vereadora" e entregava o santinho. Eu vinha logo atrás e explicava: "Sou eu, sou eu!".

Como as calçadas da cidade de São Paulo são uma precariedade só, tive muita dificuldade para circular fazendo campanha e terminei tendo que ir muito a shopping centers. Algumas pessoas passavam indiferentes, dizendo: "Eu não quero", mas a maioria pedia santinhos, trocava telefones e muitas paravam para contar um caso. Eu me senti a psicóloga pública. Como se naquele momento tivesse sido emprestada para sentir com elas. Ouvi inúmeros: "É você? Já está eleita...".

Parece que minha imagem na cadeira de rodas é um flagrante de superação que desencadeia explosões afetivas nos outros.

Estávamos no Center Norte, driblando a segurança do shopping (pois não podíamos distribuir santinhos), quando alguém contou ter estado desenganado pelos médicos. Mas, depois da ponte de safena, renasceu. Esse voto que ganhei vem da crença do poder que o ser humano tem de reconquistar a vontade de viver. Outro sujeito, que encontrei no Mercado Municipal, participava do Alcoólatras Anônimos e chorou enquanto recitava um verso sobre a dignidade do ser humano. Encontrei muitos com parentes portadores de deficiência, muitos sem candidato e muitos que acalentam o sonho de ver uma São Paulo mais humana. Olhares de surpresa, admiração, curiosidade, respeito e, principalmente, alívio por terem alguém que inspire confiança para votar.

Fui ao Mercado Municipal, andei pelos arredores do Hospital das Clínicas, da avenida Paulista, passeei por várias ruas do centro da cidade, shopping centers, cinemas, festas de casamento, clubes (no Piratininga fui recebida como princesa) e ainda exposições, inaugurações, premiações... E fui para dentro da minha casa, onde minha família, coordenada pela minha mãe, desenvolveu uma corrente para a frente em torno da candidatura. Fizemos a campanha quase sem nenhuma ajuda financeira. O Alfredo (meu namorado) se revelou um ótimo designer de santinho e marqueteiro político. Do cadeirante de semáforo a todos os amigos que se empenharam em fazer a divulgação boca a boca, o que norteou cada movimento foi a vontade de ver a cidade melhorar. Se eu não tiver tido votos suficientes para assumir uma das 55 cadeiras na Câmara Municipal, terá valido a pena assistir desta cadeira ao desejo de verdade transbordando das pessoas.

Materiał chroniony prawem autorskim

Billabong
billabonggirls.com
www.billabong.com/marketing@billabongbrasil.com.br
kiana

MGD
GENUINE DRAFT
Miller
GENUINE DRAFT
America's Quality Beer
Brewed from the finest malted barley, selected cereal grains, and choicest hops.
Cold-Filtered Beer
AlmapBBDO
Aprecie com moderação.
NÃO PODE FALTAR NA NOITE:
CAIXAS DE SOM E DE MILLER.
IT'S MILLER TIME.